

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE LETRAS

JANICE ÂNGELA MÜLLER ALBINO

**O PAPEL CENTRAL (IZADOR) DE ZANA NA OBRA *DOIS IRMÃOS* DE MILTON
HATOUM**

SÃO LEOPOLDO

2019

JANICE ÂNGELA MÜLLER ALBINO

O PAPEL CENTRAL (IZADOR) DE ZANA NA OBRA *DOIS IRMÃOS* DE MILTON HATOUM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras – Português, pelo Curso de Letras da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientadora: Prof^a Dr^a Eliana Inge Pritsch

São Leopoldo

2019

AGRADECIMENTOS

A caminhada acadêmica foi uma escolha minha, no entanto, durante os anos que a ela me dediquei, estiveram comigo várias pessoas muito especiais. Algumas já faziam parte da minha vida, outras passaram a fazer e é com muito carinho que as levo comigo, pois a graduação – ciclo importante e transformador da pessoa que sou – está encerrando, mas as pessoas que conheci, cuja amizade, respeito e aprendizagem construímos, seguirão para além da universidade. Sendo assim, agradeço:

A minha filha, Stephanie, por todas as discussões literárias e gramaticais que realizamos e dizer que teu ponto de vista sempre é relevante para mim, porque tem personalidade e posicionamento crítico.

Ao Sidnei, meu marido, por todo incentivo recebido, pela alegria ao aceitar minhas sugestões literárias.

A minha irmã caçula, Marcieli, pela alegria que tua existência representa para mim.

Aos meus pais, Elo e Arcilda, pelo apoio, educação e incentivo despendidos.

Aos professores e às professoras que participaram da trajetória acadêmica, especialmente a minha orientadora, professora Eliana.

À Maria Célia, pela amizade e pela paixão aos livros.

Ao colega e amigo, João, pela sugestão deste estudo e pela parceria ao longo dos anos.

À Tatiana e à Barbara pelo apoio, suporte emocional e encorajamento prestados.

O senhor mire, veja: o mais importante e bonito do mundo é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas, mas que elas vão sempre mudando, afinam ou desafinam. É o que a vida me ensinou.

Guimarães Rosa

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS.....	6
LEVANTAMENTO DAS OCORRÊNCIAS.....	7
RESUMO	8
1 INTRODUÇÃO	9
2 DUPLOS E GÊMEOS	12
3 PERCURSO DE GÊMEOS NA LITERATURA	18
3.1 ESAÚ E JACÓ.....	18
3.1.1 A autoria	19
3.1.2 A narrativa e os gêmeos.....	20
3.2 PEDRO E PAULO	23
3.2.1 O autor e a obra <i>Esaú e Jacó</i> como alegoria.....	23
3.2.2 Os gêmeos e a disputa por Flora	27
3.3 YAQUB E OMAR.....	31
3.3.1 O autor.....	33
3.3.2 Yaqub, Omar e Lívia: a triangulação amorosa	35
4 O PAPEL DA MÃE – ZANA	39
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS	53

LISTA DE ABREVIATURAS

DI – ***Dois irmãos***, de Milton Hatoum

EJ – ***Esaú e Jacó***, de Machado de Assis

Gn – *Gênesis*, Bíblia

LEVANTAMENTO DAS OCORRÊNCIAS

Zana, DI: 354

Mãe, DI: 242

Yaqub, DI: 292

Omar, DI: 289

Caçula, DI: 158

Rebeca, Gn: 07

Esaú, Gn: 19

Jacó, Gn: 22

Natividade, EJ: 186

Pedro, EJ: 196

Paulo, EJ: 213

RESUMO

A proposta do presente estudo foi analisar a obra *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum, cujo foco é o papel centralizador da personagem Zana, mãe dos gêmeos Yaqub e Omar. Trata-se de um estudo quantitativo, no qual foram realizados levantamentos das ocorrências dos nomes das personagens e, qualitativo no qual foram observadas as ações das personagens nas narrativas, em comparativo com as personagens de outras duas obras. O corpus da pesquisa é composto pelas narrativas *Esaú e Jacó* (Gênesis), *Esaú e Jacó* (Machado de Assis) e *Dois Irmãos* (Milton Hatoum), apoiando-se em referenciais teóricos referentes à simbologia de gêmeos e duplos (Lurker), mitos literários (Brunel), o código dos códigos: a bíblia e a literatura (Frye), discurso, memória, identidade (Indursky), análise da narrativa (Reuter), entre outros. Com isso, será possível mostrar que, mesmo não sendo a personagem principal da narrativa, pela ação desempenhada, ela pode assumir um papel centralizador.

Palavras-chave: Gêmeos. Duplos na literatura. Gênesis. Machado de Assis. Milton Hatoum

1 INTRODUÇÃO

A proposta deste estudo é analisar a obra **Dois irmãos**, de Milton Hatoum. Nesse sentido, será focado o papel centralizador da personagem Zana, mãe dos gêmeos Yaqub e Omar e de Rânia.

O contato com essa obra remeteu minha memória à época em que, na escola, estudei as Regiões do Brasil, especialmente a Região Amazônica e suas peculiaridades. Com base na descrição detalhada que o autor faz dos lugares, dos rios, da fauna e da flora é quase possível sentir o cheiro do lugar ou até mesmo mergulhar no espaço em que a trama acontece. “Sentada na proa, [...] dizia para mim: ‘olha as batuínas e as jaçanãs’, apontando esses pássaros que triscavam a água escura ou chapinhavam sobre folhas de matupá;” (HATOUM, 2006, p. 54).

Na atualidade, a estrutura familiar está diferente do que se compreendia por família “ideal”, no entendimento de que, em várias culturas, há concepções distintas de matrizes familiares, nas quais têm-se famílias matriarcais, patriarcais. Assim como as relações familiares podem ser entendidas de diferentes formas pelas culturas, elas tratam-se, especialmente, de relações humanas, as quais extrapolam o convencional e se estabelecem no social. Via de regra, a constituição de família reporta a estrutura tradicional de pais e filhos, ou seja, de um casal que, juntos, constroem uma descendência. Essas relações – entre homens e mulheres como casal, entre pais e filhos – reportam-se a necessidades quase que biológicas de manutenção da espécie. Em especial, a relação entre pais e filhos é tema bastante amplo, amparando nossa psique em papéis construídos e constituídos. São relações de afeto, mas também de disputas, cujos estereótipos surgem frequentemente: o filho masculino como sucessor ou opositor ao pai, o complexo de Édipo, o complexo de Electra, a disputa entre mãe e filha.

Uma situação específica, dentro desse contexto, são as gestações gemelares, que, por sua ocorrência mais limitada, gera entendimentos diferentes conforme a cultura em questão. Para alguns, gêmeos são bênção em dobro, quase um desígnio dos deuses; para outras culturas, sinal de maldição. Como quer que seja, os gêmeos provocam questões como a progenitura, a similaridade/contrariedade dos pares e, muitas vezes, a cisão do casal genitor na sua preferência por um ou outro indivíduo.

Na literatura, não são poucos os casos de pares, inclusive em textos bíblicos, como é o caso do mito religioso descrito no livro do **Gênesis** sobre a vida dos gêmeos

Esaú e Jacó, filhos de Isaac e Rebeca. Esaú, o filho mais velho, tinha a admiração do pai e, Jacó, o filho caçula, a preferência da mãe.

Um dos maiores escritores brasileiros, Machado de Assis, publicou em 1904 o romance **Esaú e Jacó**, cujo nome da obra é uma referência direta ao texto bíblico. O autor relata a história de Pedro e de Paulo, irmãos gêmeos, filhos de Natividade e Agostinho Santos.

Em **Dois irmãos**, a narrativa escrita por Hatoum apresenta-nos Zana, a mãe dos gêmeos Yaqub e Omar, em uma trama envolvente e recheada de conflitos. Assim como ocorre na passagem bíblica – uma vez que Natividade de **Esaú e Jacó** não demonstra preferência por um dos filhos –, a personagem Zana, de Hatoum também tem preferência por um dos filhos, o Caçula¹. Conforme a obra, desde o nascimento ele fora “cercado por um zelo excessivo, um mimo doentio da mãe, que via na compleição frágil do filho a morte iminente. Zana não se desapegava dele, e o outro ficava aos cuidados de Domingas [...]” (HATOUM, 2006, p. 50).

Partindo desse *corpus* – Esaú e Jacó (Gn), Pedro e Paulo (EJ) e Yaqub e Omar (DI) – e da análise dessas relações familiares concernentes aos gêmeos, é, no entanto, a figura da Mãe e sua relação com os filhos gêmeos o foco deste estudo. Nesse triângulo mãe e filhos gêmeos, muito já se falou dos pares – simétricos e/ou opositivos – deixando de perceber o papel que a mãe desempenha nessas relações e como sua postura influencia na vida e no comportamento dos filhos. Para mensurar esse papel da mãe, parte-se de um levantamento quantitativo e qualitativo das ocorrências de Rebeca, Natividade e Zana – quantas vezes elas são nomeadas e qual a relevância – e comparativo entre as três obras. Assim, chegaremos ao papel central (izador) de Zana em **Dois irmãos**, se comparada às outras duas mães.

O presente trabalho está organizado em três capítulos, assim denominados: o Capítulo 2 intitula-se “Duplos e Gêmeos”. Nesse capítulo e subcapítulos será abordada a noção de duplicidade do sujeito presente na filosofia, na mitologia, nas artes, na religião e na literatura e as diferentes formas de desdobramento do eu. Abordaremos, também, aspectos referentes à simbologia de gêmeos, e como as diferentes civilizações convivem com essa realidade, haja vista o tema ser intrigante e permitir interpretações distintas, assim como os costumes e as crenças populares relacionados ao tema. No Capítulo 3 e seus respectivos subcapítulos, “O percurso dos

¹ Caçula - termo usado pelo autor para referir-se a Omar, o gêmeo mais novo.

gêmeos na literatura”, apresentaremos esse percurso em algumas obras que tratam do tema e que compõem este estudo como Esaú e Jacó (Gn), **Esaú e Jacó**, romance de Machado de Assis e **Dois irmãos**, de Milton Hatoum. No Capítulo 4, “O papel da mãe – Zana”, será abordado o papel da personagem Zana (DI), atentando para a função da personagem na narrativa, seu fazer no texto, o modo como ela age e como as ações dela influenciam no enredo.

Este estudo se faz importante, pois até os dias atuais, as mães de gêmeos têm recebido pouca atenção. Por considerarmos que elas são uma fonte rica de elementos que podem contribuir para os estudos em diferentes áreas, inclusive na literatura, é importante destacar seus papéis e suas atuações.

2 DUPLOS E GÊMEOS

*O duplo, quem quer que seja, perturba e escandaliza.
Ele é a imagem de nossos demônios interiores [...].*
Gredes Rejane Finkler

A temática do duplo é ampla e encontra-se representada em diferentes expressões do homem: na filosofia, na cultura de determinadas civilizações, na mitologia, na religião, nas artes, na literatura. Ela “representa a constante busca do ser humano de compreender a si próprio”. (AGUIAR, 2012, p. 11).

Na Filosofia, consoante Aguiar (2012, p. 12), “a noção de duplicidade do sujeito” apresenta-se, por meio “da ideia de que tudo o que vemos é o desdobramento de um mundo que não vemos, de uma realidade que é representada de forma imperfeita pelo real imediato”. A noção do duplo, na Religião, passa pela crença pregada pela maioria das religiões; de que uma alma sobreviva à morte do corpo físico. Possivelmente, essa crença seja alimentada pela dúvida de “o que serei depois da morte?”.

Segundo Bravo (1997, p. 261), o mito do duplo encontra-se “muito bem representado nas artes plásticas (a arte medieval com seus seres de duas cabeças) e na arte cinematográfica”, mas é na literatura que o mito terá sua exaltação no século XIX, conduzido pelo movimento romântico, e permanece produtivo, ainda no século XX. Embora não seja tão frequente no romance, no drama ele aparece com um segundo personagem em cena e na novela, sua forma preferida, “conta a perturbação introduzida por um acontecimento estranho”. (BRAVO, 1997, p. 262).

Não obstante, deve-se voltar a um período de tempo bem mais recuado, no qual existem “lendas nórdicas e germânicas que contam o encontro com o duplo; a libertação do duplo é um acontecimento nefasto que muitas vezes pressagia a morte”. (Bravo, 1997, p. 262). Lendas de almas viajantes que saem de corpos adormecidos e tomam outras formas, como de um animal, por exemplo, constituindo, “nesses relatos, uma das representações do alter ego”.

Sobre o aspecto mítico e simbólico, Bravo (1997, p. 262) declara ainda que

A ideia da dualidade da pessoa humana – masculino/feminino, homem/animal, espírito/carne, vida/morte – revela uma crença na metamorfose [...] que implica uma certa ideia do homem como responsável pelo seu destino.

As mitologias dão realce a esse duplo aspecto benéfico/maléfico do ser vivo, dicotomia que reencontramos nas figuras-símbolos das religiões (p. ex., diabo e anjo da guarda no cristianismo). O ocultismo, com o símbolo da morte-

renascimento, influencia também as produções literárias em que se manifesta o duplo.

Tendo em vista a efervescência provocada pela temática do duplo, em diferentes áreas de domínio humano, começaram a surgir vários estudos sobre o tema, sendo que, no século XX, a maioria privilegia o ângulo psicológico.

O psicanalista e escritor austríaco Otto Rank desenvolveu um trabalho amplo e respeitado, considerado um dos mais completos estudos já realizados sobre o assunto; **O Duplo** (1914). Segundo Aguiar (2012, p. 11), por meio dele, Rank “vai buscar tanto em dados literários quanto em crenças populares as bases para uma, por assim dizer, “teoria do duplo”.

Durante o estudo, o autor percorreu de modo cauteloso obras de diferentes autores (estudou a personalidade deles, inclusive), entre eles destacamos Dostoiévski, Poe e Maupassant. Isso permitiu-lhe traçar, lentamente, paralelos entre os diversos modos de apresentação do duplo e, assim, ir aproximando todas as narrativas, mesmo quando elas não fazem uso da mesma forma de representar o problema. Em alguns casos, há autores que ligam o duplo à sombra, outros destacam a imagem no espelho, outros escolhem por uma exibição que aponte para uma alucinação (psicológica).

Dentre os vários estudos realizados, envolvendo áreas como a psicanálise e a literatura, Bravo destaca o que foi desenvolvido por Keppler (1972), o qual esteve voltado

[...] unicamente ao estudo dos duplos na literatura e comenta muitos exemplos anglo-saxões. Sua definição dos duplos é mais rigorosa do que as demais.

Para ele, o duplo é ao mesmo tempo idêntico ao original e diferente – até mesmo o oposto – dele. É sempre uma figura fascinante para aquele que ele duplica, em virtude do paradoxo que representa (ele é ao mesmo tempo interior e exterior, está aqui e lá, é oposto e complementar), e provoca no original reações emocionais extremas (atração/repulsa). De um e outro lado do desdobramento a relação existe numa tensão dinâmica. O encontro ocorre num momento de vulnerabilidade do eu original.

[...]

Keppler faz o inventário de sete modalidades diferentes de duplo: o perseguidor, o gêmeo, o(a) bem-amado(a), o tentador, a visão de horror, o salvador, o duplo no tempo – mas poderíamos acrescentar outros mais. (BRAVO, 1997, p. 263).

De acordo com Bravo, no Ocidente, o mito do duplo,

acha-se em estreita ligação com o pensamento da subjetividade, lançado pelo século XVII ao formular a relação binária sujeito-objeto, quando até então o que prevalecia era a tendência à unidade. Essa oposição –

concepção unitária do mundo/concepção dialética – é refletida pela reviravolta que sofre o mito literário do duplo. Desde a Antiguidade até o final do século XVI, esse mito simboliza o homogêneo, o idêntico: a semelhança física entre duas criaturas é usada para efeitos de substituição, de usurpação de identidade, o sócia, o gêmeo confundido com o herói e vice-versa, cada um com sua identidade própria. A tendência à unidade prevalece também quando um personagem desempenha dois papéis. (BRAVO, 1997, p. 263).

A representatividade do heterogêneo teve início a partir do final do século XVI,

com a divisão do eu chegando à quebra da unidade (século XIX) e permitindo um fracionamento infinito (século XX). Essa evolução é um reflexo da nova concepção que se passa a ter do lugar ocupado pelo homem na natureza.

[...]

O século XX mantém-se na problemática do heterogêneo, com a psicanálise, enquanto que a filosofia (pragmática) situa o sujeito numa relação ternária sujeito-língua-objeto: o mito do duplo continua a ser atual, como figura privilegiada do heterogêneo. (BRAVO, 1997, p. 263).

Conforme Mello (2000, p. 123), “a literatura tem uma vocação especial para tematizar o duplo”, tendo em vista o desdobramento do autor em narrador, no momento de criação, pelo qual libera em seus heróis, “partes aprisionadas em si mesmo”, ocultas “sob a máscara de um Eu particular, fixo no molde da personalidade”.

Bravo (1997) revela que, com o passar dos séculos e todas as evoluções pelas quais o mundo passou

O mito do duplo acha-se hoje vivo e produtivo. Permeável às modificações, ele tanto se presta à ambição totalizante dos românticos – que pretendem possa refletir-se no eu finito o mundo infinito – [...] esse eu que estabelece e por vezes aceita seu caráter de fragmento, considerando que aí reside uma perspectiva de enriquecimento e de diálogo com o mundo, visão contemporânea de um otimismo construído, racional, [...].

Ao encerramento no eu romântico doloroso e confinado que tem medo de perder sua substância porque transpor os limites leva à loucura, segue-se uma abertura para o mundo. A alteridade dentro do eu é o que vai permitir um diálogo, um reencontro, até mesmo uma solidariedade com o outro. A desapropriação já não significa um empobrecimento, uma nadificação do ser, mas uma possibilidade de enriquecimento. (BRAVO, 1997, p. 287).

Levando em consideração todos os aspectos expostos pelos autores mencionados neste capítulo, pausamos o olhar sobre o duplo, para nos debruçarmos sobre a simbologia que representa os gêmeos.

[...] ao mesmo tempo que o mito se lê como um trajeto dirigido à procura de um melhor eu, a ambivalência nele presente manifesta-se em sua relação privilegiada com a figura da circularidade (Borges). Mas o duplo renasce sempre das cinzas que marcam a relação com a morte. Mais que o círculo, é a imagem da espiral que viria ao caso, o símbolo da morte-nascimento. O duplo está apto a representar tudo o que nega a limitação do eu, a encenar o roteiro fantasmático do desejo. (BRAVO, 1997, p. 287).

2.1 SÍMBOLOS: DUPLOS E GÊMEOS

O gêmeo é, na literatura, a primeira forma do duplo.

Nicole Fernandez Bravo

No que tange à simbologia de gêmeos, Lurker (2003, p. 284) nos diz que “desde os tempos imemoriais o nascimento de gêmeos intriga os homens, e dá origem a interpretações simbólicas”. Até o século XIX, por ocasião do nascimento de gêmeos, eram acesas fogueiras com o objetivo de afastar desgraças e doenças. Esse costume se mantinha ativo graças à crença popular, desde os tempos primitivos, tendo em vista a atribuição de poderes especiais aos gêmeos. Acreditava-se que “gêmeos de sexos opostos faziam parte, entre muitos povos, da simbologia da fertilidade, ou até mesmo eram transformados em deuses da fertilidade” (LURKER, 2003, p.284).

Os escritores franceses, Jean Chevalier e Alain Gheerbrant em **Dicionário de Símbolos** (1996, p. 465) relatam que “Todas as culturas e mitologias testemunham um interesse particular pelo fenômeno dos gêmeos”. Independente da forma como são construídos em nossa imaginação: inteiramente simétricos

ou bem um escuro e o outro luminoso; um voltado para o céu, o outro para a terra; [...] – exprimem, ao mesmo tempo, uma **intervenção do Além*** e a **dualidade** de todo o ser ou o dualismo de suas tendências, espirituais e materiais, diurna e noturnas. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1996, p. 465, grifo dos autores).

Todavia, pode-se deparar com a existência de gêmeos perfeitamente iguais, “duplos ou cópias um do outro”, exprimindo, desse modo a unidade de uma dualidade circumspecta. Ou seja, representam a harmonia interna alcançada “pela redução do múltiplo ao um”. Quando o dualismo é superado, a dualidade é apenas “aparência ou jogo de espelho, o efeito da manifestação”.

Por outro lado, os gêmeos simbolizam ambivalência do universo mítico, visto que, há, em torno deles, uma atmosfera de mistério, de crenças e de superstições.

Aos olhos dos primitivos, aparecem sempre carregados de uma força poderosa, seja perigosa e protetora, seja apenas perigosa, ou apenas protetora... Temidos e venerados, os gêmeos se apresentam sempre carregados de um **valor intenso**. Os bantos os matavam; na África ocidental são adorados e fazem-se mágicos [...]. Em todas as tradições, gêmeos – deuses ou heróis – se desentendem ou se ajudam, marcando assim a ambivalência da sua situação, símbolo da própria situação de todo ser humano, dividido em si mesmo. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1996, p. 465, grifo dos autores).

Chevalier e Gheerbrant tratam também da tensão interna, praticamente permanente, que as imagens gemelares e simétricas despertam nas pessoas.

O medo do primitivo em face da aparição gemelar é o medo da visão exterior da sua própria ambivalência. O medo da objetivação das analogias e das diferenças, o medo da tomada de consciência individualizadora... o medo da individuação, o medo da ruptura da indiferenciação coletiva. No fundo, os gêmeos simbolizam uma contradição não resolvida. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1996, p. 465-466).

Na literatura há uma característica recorrente aos pares de gêmeos, a qual reforça o antagonismo em torno desses pares; “um é bom e outro mau, e o mau procura sempre entravar a ação criadora e civilizadora do irmão. Ou imita-o, mas desastrosamente, criando animais perniciosos, como o outro criou animais úteis”.

Em algumas culturas, haviam os gêmeos divinos, imaginados em forma zoomórfica. Na Índia antiga eram os “cavalos de Acvin”, na Grécia, “os potros brancos de Zeus”, na cultura germânica, os “alces” e entre os letões os “cavalinhos de Deus”. Esses animais eram considerados filhos dos Deuses Celestes e formavam a parilha que conduzia o carro do sol diariamente, em cumprimento às ordens de seu pai. A partir do momento em que a concepção divina vai se tornando humana, “eles se tornaram os condutores do carro da filha do sol, cavaleiros entre os gregos”. Entre os germânicos também haviam cavalos brancos sagrados, os quais eram usados na previsão do futuro.

De acordo com Lurker (2003, p. 284-285), “na Antiguidade tardia, os dióscuros eram considerados ajudantes nas aflições da guerra e no perigo da morte”. Por isso, irmãos gêmeos ou consagrados em ritual eram postos frente às tropas, em operações de guerra. Cita-se, para exemplificar, “Hengist e Horsa, os lendários comandantes anglos na tomada da Inglaterra, cujos nomes fazem lembrar antiga figura eqüina”.

Na mitologia grega, “o culto aos dióscuros teve um desenvolvimento peculiar, com uma intuição quase científica”, porque gêmeos bivitelinos foram atribuídos a pais diferentes, sendo que essa possibilidade é reconhecida nos tribunais, ainda hoje.

Assim, Castor era considerado filho do rei Tíndaro enquanto somente Pólux era considerado filho de Zeus. Este, no entanto, exigiu também ser imortal, assim como Castor. Zeus então permitiu aos gêmeos encontrarem-se alternadamente no Hades e no Olimpo. Por isso eles se tornaram deuses das Luzes, que se revezam; também o rapto de sua irmã Helena lembra a viagem original com o sol ou com a filha do sol. Seu culto como salvadores heroicos corresponde à sua origem a partir da crença no deus celeste. (LURKER, 2003, p. 285).

Quando a mitologia astral oriental superou a Antiguidade tardia, os gêmeos divinos foram identificados com as estrelas matutina e vespertina, cujo surgimento se deu de modo isolado. A partir disso, os irmãos que, até então, “apareciam e agiam juntos, foram separados e a sua proximidade transformada em infinita distância”. (LURKER, p. 285).

Enfim, desde a mitologia, até a literatura, o assunto envolvendo os pares de gêmeos rende interpretações diversas, tendo em vista as civilizações, as crenças populares e a cultura.

3 PERCURSO DE GÊMEOS NA LITERATURA

Da mesma forma que nas sociedades e guardando similitude com essa origem “diferente” dos gêmeos, também a literatura é rica em sua representação, desde os textos mais antigos – como a *Bíblia* – até narrativas contemporâneas como **Dois irmãos**.

Não se pode negar que existe uma atmosfera mística em torno de pares gêmeos, o que desperta um interesse muito grande na literatura em explorar os mistérios que envolvem tais criaturas.

O trabalho destaca três pares de gêmeos, Esaú e Jacó, do mito bíblico, narrado no livro do *Gênesis*; Pedro e Paulo, da obra **Esaú e Jacó** de Machado de Assis; e Yaqub e Omar, da obra **Dois irmãos**, de Milton Hatoum.

O primeiro par trata-se de gêmeos bastante diferentes fisicamente, que brigaram desde o ventre materno e, na vida adulta, Jacó, o caçula, usurpou a primogenitura de Esaú, um modo de anulação do irmão, e com isso obteve a bênção de seu pai. Esaú prometeu matá-lo, quando o pai deles já não estivesse mais vivo.

O segundo par tem referência direta com o primeiro. Machado escreveu uma obra, cujo nome remete aos gêmeos do texto bíblico – Esaú e Jacó. Os irmãos de semelhanças físicas idênticas chamam-se Pedro e Paulo e, assim como os do mito bíblico, brigaram desde o ventre, estiveram, ainda, em lados opostos na política e alimentaram amor pela mesma jovem.

O terceiro e último par de gêmeos a compor este estudo trata-se de Yaqub e Omar. Hatoum criou-os com características físicas semelhantes, porém com temperamentos muito díspares. As brigas entre eles tiveram início na adolescência - momento em que disputaram o amor de uma moça - marcadas, inclusive, pela violência de Omar contra Yaqub. O sentimento de raiva, de vingança e de indiferença permeou a relação deles até o fim da narrativa.

3.1 ESAÚ E JACÓ

Chegado o tempo em que ela devia dar à luz, eis que trazia dois gêmeos no seu ventre. O que saiu primeiro era vermelho, e todo peludo como um manto de peles, e chamaram-no Esaú. Saiu em seguida o seu irmão, segurando pela mão o calcanhar de Esaú, e deram-lhe o nome de Jacó. (Gn, 25).

A narrativa bíblica que conta a vida dos gêmeos, filhos de Isaac e Rebeca, cujos nomes foram uma referência as suas características físicas ao nascer – Esaú, por ter o corpo coberto de pelos, e Jacó, por ter nascido segurando o calcanhar do irmão –, está presente no primeiro livro da Bíblia, o **Gênesis**.

O mito envolvendo esse par de gêmeos, que brigaram desde o ventre materno, atravessou os séculos e é referenciado em obras literárias até os dias atuais. Rebeca ouviu de Deus que as crianças que carregava em seu ventre eram povos distintos, que um seria vencedor e que o mais velho serviria ao mais novo.

3.1.1 A autoria

O **Gênesis** é o livro bíblico que inicia o Antigo Testamento da Bíblia, cuja autoria é dada a Moisés. Juntamente com outros livros que compõe a Bíblia, sua narrativa é considerada de difícil entendimento, complexa e apresenta inúmeras formas. Apesar disso, seu conteúdo é usado como base em numerosas passagens bíblicas posteriores ou são colocados de modo criativo junto com outros trechos.

De acordo com Freitas (2019?) “a Bíblia é um ponto de referência no mundo ocidental, sua ideologia permeia os ideais morais, intelectuais e espirituais, as atitudes e o juízo de valor, ainda que não reconhecidos como bíblicos, de homens e mulheres”.

Apesar das transformações (traduções e reduções) que o texto bíblico foi submetido ao longo dos séculos, elas não o tornaram mais fácil de se compreender. Segundo Fokkelman (1997, p. 49) “as dificuldades não diminuíram com os dois séculos da assim chamada Crítica Superior, um enfoque histórico-crítico – ‘erudição escavadora’, como foi chamada – que sujeita o texto a uma séria redução”.

A Bíblia é o livro mais traduzido no mundo e, a partir do século XV, com a invenção da imprensa, ganhou visibilidade ainda maior, passando a ser uma fonte de ensinamentos confiáveis para a humanidade. Tanto que sua influência não se restringe à esfera religiosa, pois seus valores e preceitos transpassam o inconsciente de pessoas que se dizem incrédulas ou até daquelas que nunca leram seus textos.

Historiadores e filósofos usam esses textos como “algo além de si mesmo”, por considerarem que o seu interesse está voltado a realidades contextuais. Os teólogos os leem como mensagem e, com isso, separam a forma do conteúdo, violando a integridade literária do texto, ainda que, involuntariamente.

Segundo Hidayck, retomando as ideias de Northrop Frye (2004), a Bíblia não é literária nem não literária, ou seja, ela possui marcas de literatura, mas não deve ser encarada como tal em sua totalidade.

Na literatura, os textos bíblicos também são usados como fonte de pesquisa e análises. Podem ser analisados pelo viés da escrita dos discursos, da poesia embutida nos seus versos (ainda que suas passagens poéticas sejam mais fiéis à poesia, do que as passagens históricas, à história, a Bíblia não é considerada um poema, porque não cumpre todos os requisitos necessários, além de suas passagens ficcionais), pelas traduções existentes e pela intertextualidade que estabelece com outras produções disponíveis.

3.1.2 A narrativa e os gêmeos

O mito bíblico que narra a história dos irmãos gêmeos, Esaú e Jacó, filhos de Isaac e Rebeca, encontra-se no primeiro livro da Bíblia, o **Gênesis**. Livro que apresenta uma narrativa considerada patriarcal da criação do mundo, da rivalidade “entre dois povos, os edomitas e os israelenses, e adiante, a ampla oposição entre judeus e cristãos”. (WAJNBERG, 2004, p. 15).

As brigas entre os irmãos iniciaram ainda na barriga de Rebeca que ouvira de Javé que no ventre dela havia “duas nações, dois povos que se separam em suas entranhas” (Gn 25, 23), que um povo seria o vencedor e o mais velho serviria ao mais novo.

As diferenças foram acentuadas quando, na velhice, o pai, com a visão deveras enfraquecida, chamou Esaú, o primogênito e preferido dele, e pediu que ele fosse, com suas armas, ao campo e lhe trouxesse uma caça. “Prepare-me um bom prato, do jeito que eu gosto, e traga-me para que eu coma, e antes de morrer eu abençoe você”. (Gn 27, 4) Esaú obedeceu ao pedido do pai e saiu para o campo em busca da caça.

Enquanto isso, Rebeca chamou o caçula, Jacó, a quem ela preferia, contou-lhe o que ouvira da conversa entre Isaac e o outro filho e ordenou: “Agora, escute-me e faça o que eu mandar. Vá ao rebanho e me traga dois cabritos gordos. Vou preparar para seu pai um prato do jeito que ele gosta. Depois você levará o prato a seu pai, para ele comer e abençoar você antes de morrer”. (Gn 27, 8) Jacó, inicialmente, alertou à mãe para as diferenças físicas que poderiam ser notadas pelo pai e perceber

que fora enganado, mas Rebeca pensou em um modo de ludibriar o marido, a fim de que não descobrisse a enganação que arquitetara em benefício de Jacó.

Sendo assim, Jacó buscou os cabritos, a mãe preparou o prato e ele, vestido com as roupas do irmão e coberto com a pele dos cabritos, foi ao encontro de Isaac, a fim de oferecer a comida que a mãe preparara. “Pai!”, disse Jacó. “Aqui estou. Quem é você, meu filho?”, respondeu Isaac. “Sou Esaú, seu primogênito. Fiz o que o senhor me mandou. Levante-se, sente-se e coma da minha caça. Depois, o senhor me abençoará”. Isaac estava com a visão fraca, mas, ainda assim, disse ao filho que ele tinha ido rápido ao campo para caçar. Diante da colocação do pai, Jacó respondeu que [...] “Javé, o seu Deus, a colocou ao meu alcance”, como justificativa da trapaça que armara sob orientação de sua mãe.

O pai não acreditou, imediatamente, na história que o caçula lhe contara e disse a ele: “Aproxime-se, meu filho, para que eu o apalpe e veja se você é ou não o meu filho Esaú”. À medida que Jacó se aproximou, o pai pôde apalpá-lo e comentou que “A voz é de Jacó, mas os braços são de Esaú”. Sendo assim, o pai não reconheceu Jacó, pois os braços eram peludos como os do irmão e concedeu a bênção ao caçula. Após abençoar Jacó, Isaac parece não estar convencido com a situação apresentada como legítima e retoma a pergunta: “Você é meu filho Esaú?” e Jacó reafirmou a “verdade” dizendo ser Esaú.

Isaac pediu ao filho que servisse seu prato com a caça que trouxera do campo, a fim de que ele pudesse comer e abençoá-lo. Jacó, após servir o pai, ofereceu-lhe vinho, ele bebeu e pediu ao filho que se aproximasse dele e o beijasse. Jacó atendeu ao pedido e beijou o pai. Isaac aspirou o perfume da roupa do filho e disse que aquele cheiro era de um campo fértil que Javé abençoara e desejou ao filho as bênçãos divinas e a fertilidade da terra. “Que os povos o sirvam e as nações se prostrem diante de você. Seja um senhor para seus irmãos, e os filhos de sua mãe. Maldito seja quem amaldiçoar você; e bendito seja quem o abençoar.” (Gn 27, 29).

Após a culminância da farsa de Jacó, Esaú voltou do campo com a caça, preparou o prato e ofereceu ao pai dizendo: “Que meu pai se levante e coma da caça de seu filho, e depois me abençoe”. O pai confuso perguntou quem estava ali e Esaú respondeu: “Sou Esaú, seu filho primogênito!” Estremecido de emoção, Isaac desejou saber quem estivera ali, antes de Esaú, trazendo-lhe a caça e recebendo-lhe a bênção definitiva. Ao ouvir a declaração do pai, Esaú, tomado de amargura, gritou ao pai

pedindo que também o abençoasse. Isaac, por sua vez, respondeu dizendo que Jacó aproximara-se dele com astúcia e lograra a bênção que cabia a Esaú.

Esaú reconheceu que fora enganado pelo caçula, pela segunda vez, e perguntou ao pai se não fora reservada nenhuma bênção a ele. “Eu tornei Jacó senhor de você, dei-lhe todos os seus irmãos como servos e lhes garanti trigo e vinho. Que posso fazer por você agora, meu filho?”, respondeu Isaac. Esaú inconformado com o fato de o pai não oabençoar, chorou alto. O pai ainda disse: “A sua morada será longe da terra fértil e sem o orvalho que desce do céu. Você viverá da sua espada e servirá a seu irmão”.

A partir disso, Esaú passou a odiar Jacó e dizia que, quando o pai morresse, mataria o irmão. Rebeca, ao saber do plano de Esaú, chamou Jacó, contou tudo a ele e mandou que fugisse para junto de Labão, seu tio, e que quando a raiva que possuía o coração de Esaú passasse, mandaria buscar Jacó. O pai abençoou novamente a Jacó e esse partiu para a casa de seu tio Labão.

A declaração que Deus deu a Rebeca – de que o filho mais novo, Jacó, seria o patriarca do povo de Israel – foi decisiva para o desenvolvimento dos fatos, pois Esaú, sendo o mais velho, teve sua primogenitura roubada por Jacó, o usurpador, com ajuda da própria mãe.

Segundo a psicanalista e doutora em Língua Hebraica, Daisy Wajnberg, em *O gosto da glosa: Esaú e Jacó na tradição judaica*, posterior a profecia inicial narrada no texto bíblico, “Deus não mais comparece. O pano de fundo passa a ser o das intrigas na família, onde os densos personagens apresentam-se em profunda humanidade”. (WAJNBERG, 2004, p. 19).

Ainda segundo Wajnberg (2004), os nomes de Jacó e Esaú têm seus significados relacionados aos fatos narrados e aos ofícios que desempenham na narrativa, no entanto, os critérios para estabelecer tais relações são controversos. As associações para o nome de Esaú, por exemplo, são baseadas em atributos físicos: ruivo, peludo e a isso se liga o fato de ele ter sido caçador. Em contrapartida, Jacó foi o que nascera agarrando o calcanhar do irmão e a isso são feitas associações com o caráter dele.

O nome próprio de Jacó, Ya'aqov, já oferece fértil terreno para associações. Nele figura a palavra 'aqev, “calcanhar”, pois Jacó nascera agarrando o calcanhar de Esaú. Mas o significante ganha outras camadas de sentido – “vigiar” e, por extensão, “ir sobre as pegadas, nos calcanhares de alguém, segui-lo de perto”. A conotação caminha para a idéia de “dar uma rasteira”. (WAJNBERG, 2004, p. 20).

Ademais, Esaú é retratado de modo totalmente diferente do irmão, pois apenas seus atributos físicos são apresentados.

Além do relato necessário – quem nasceu primeiro, quem nasceu depois –, o narrador nos fala de Esaú, ressaltando as suas características físicas, impressionantes em termos visuais – ruivo, peludo. Trata-se de uma apresentação corporal, [...] daquilo que salta à vista diante desse recém-nascido. (WAJNBERG, 2004, p. 112).

O apagamento dos atributos de Jacó soa como provocação ao leitor mais atento, no sentido de refletir acerca de apresentações que não são feitas sob os mesmos critérios.

Ora, qual a ordem dos atributos de Jacó? Sua apresentação é toda tecida na relação com o irmão. Nada aí fala desse bebê, a não ser em referência ao outro – este que vem é irmão do primeiro, enfatizando-se a relação de parentesco; com a mão agarrada ao calcanhar de Esaú, numa imagem emblemática de sua futura relação com o irmão, precisamente registrada nesta direção, do caçula para o mais velho. (WAJNBERG, 2004, p. 113).

Conforme supracitado, o mito bíblico em questão se mantém como fonte de inúmeras referências, análise e estudos nos mais diversos campos de interesse, como é o caso deste estudo, no qual os primeiros gêmeos da narrativa bíblica ocupam uma posição fundamental.

3.2 PEDRO E PAULO

Os gêmeos da obra **Esaú e Jacó** de Machado de Assis – cujo título remete à narrativa bíblica do livro do **Gênesis** – “eram duas obras-primas, ou antes uma só em dois volumes, como quiseses. Em verdade, não havia por toda aquela praia, [...] uma, quanto mais duas crianças tão graciosas”. (ASSIS, 2018, p. 88). Além dessa intertextualidade com a texto bíblico, muitas questões interpretativas podem ser elencadas nessa obra, como a triangulação amorosa, a alegoria do período político-histórico.

3.2.1 O autor e a obra **Esaú e Jacó** como alegoria

Em 21 de junho de 1839, nasceu na cidade do Rio de Janeiro, José Maria Machado de Assis. Ele tornou-se um grande homem, o maior escritor da literatura brasileira. Escreveu poesias, contos, romances, crônicas, peças de teatro, trabalhou

como tipógrafo, foi crítico literário e jornalista. Participou da fundação da Academia Brasileira de Letras – ABL – de quem foi presidente por mais de dez anos e ocupou a cadeira de número 23. Foi casado por 35 anos com a portuguesa Carolina Augusta Xavier de Novais e faleceu em 29 de setembro de 1908, na mesma cidade em que nasceu.

Machado iniciou sua produção literária com a publicação do poema *Ela*, na revista Marmota Fluminense, quando ele tinha apenas dezesseis anos. Depois vieram obras como **Crisálidas**, livro de poesias; **Ressurreição, A mão e a luva, Helena e Iaiá Garcia**, todos romances; **Papéis avulsos**, livro de contos e os grandes clássicos que o consagraram; **Memórias póstumas de Brás Cubas, Quincas Borba, Dom Casmurro, Esaú e Jacó e Memorial de Aires**.

Apesar de ser um romance da fase mais madura de Machado, pois sua publicação ocorreu apenas quatro anos antes de sua morte, **Esaú e Jacó** é considerada “obra de menor fortuna crítica” entre as grandes produções literárias do autor, conforme Pedro Gonzaga. Isso porque é uma narrativa branda, que deu voz ao “estranho e comedido Conselheiro Aires”, como narrador e personagem, na qual Aires fala de si próprio em terceira pessoa. A ironia cedeu espaço para um tom “melancólico e crítico da vida e do contexto social brasileiro”. O humor aparece “em cenas secundárias, como a passagem da tabuleta da confeitaria”, por exemplo, e há quem critique o autor pelo posicionamento político que ele nunca mostrou, sendo acusado de “ficar em cima do muro”, com relação à mudança do regime monárquico para o republicano. (Gonzaga, 2018).

Conforme Lopes Filho (2018, p. 123), o livro de Machado de Assis

Se observado de maneira superficial, o enredo pode ser considerado simplório, com façanhas pouco intrigantes entre os personagens, de modo que nos empurra para a interpretação de referências e alegorias, as quais surgem das mais diversas formas. Como plano paralelo à trama principal, Machado nos faz testemunhas de um marco fundamental da história do Brasil, a Proclamação da República.

Em **Esaú e Jacó**, é perceptível a metáfora construída pelo autor sobre a figura dos irmãos, no que diz respeito ao antagonismo das personagens. A narrativa se desenrola pelo ponto de vista do Conselheiro Aires, que esclarece situações, emite opiniões sobre os fatos e atitudes das personagens.

Além do triângulo amoroso vivido pelos irmãos e Flora, Machado teve outra possível motivação para criar personagens gêmeos com características físicas iguais, porém com personalidades distintas.

Trata-se da transição de regime que estava ocorrendo no Brasil naquele período, que na visão de Machado, provavelmente, não passava de uma mera troca de nomes entre Monarquia e República, sem grandes mudanças a ponto de impactar a vida da população, de fato.

Segundo Aristides Lobo, político e jornalista brasileiro, em uma publicação datada de 15 de novembro de 1889, no Jornal Diário Popular escreveu que “o povo assistiu àquilo bestializado, atônito, surpreso, sem conhecer o que significava”. De modo que boa parte da elite também não se importara com o assunto. Isso, possivelmente, se justifica pelo modo de ação do Estado Imperial, pois naquele período era considerado

um grande agente de negociações das elites, independentemente de seus partidos, por suas fragilidades decorrentes de altas dívidas e a pesada dependência da agricultura de exportação como maior fonte de renda do país. (LOPES FILHO, 2018, p. 124).

Pedro e Paulo, os gêmeos da obra machadiana, cresceram com características físicas iguais, porém personalidades opostas, as quais contribuíam para aprofundar a rivalidade entre eles. Na vida adulta, Paulo optou pelo curso de Direito, em São Paulo, e Pedro, pelo curso de Medicina, no Rio de Janeiro. Na política, eles também ficaram de lados opostos; Paulo tornou-se republicano (liberal) e Pedro, monarquista (conservador). Não obstante as perenes diferenças existentes entre eles, os gêmeos se apaixonaram pela mesma moça, Flora, filha do político Batista e de D. Cláudia.

A rivalidade política entre Pedro e Paulo é apresentada ao leitor quando, na adolescência, eles adquiriram gravuras de Luís XVI – último rei da França, morto durante a Revolução Francesa -, ídolo de Pedro, e de Robespierre – revolucionário francês -, de Paulo e as colocaram nas cabeceiras das camas.

Pouco durou esta situação, porque ambos faziam pirraças às pobres gravuras, que não tinham culpa de nada. [...] até que um dia Paulo rasgou a de Pedro, e Pedro a de Paulo. Naturalmente, vingaram-se a murro; a mãe ouviu rumor e subiu apressada. Conteve os filhos, mas já os achou arranhados e recolheu-se triste. Nunca mais acabaria aquela maldição de rivalidade? Fez essa pergunta calada, atirada à cama, a cara metida no travesseiro, que desta vez ficou seco, mas a alma chorou. (ASSIS, 2018, p. 103).

Percebe-se, ao longo da narrativa, o esforço do autor em evidenciar as ambivalências que permeavam a relação dos gêmeos. Segundo Lopes Filho,

tanta era a vontade de Machado em criar um forte valor simbólico sobre a imagem dos gêmeos, que buscou referências na Bíblia cristã, desde o título do livro, Esaú e Jacó, fazendo referência aos irmãos gêmeos rivais, filhos de Isaque e Rebeca, [...]. Além disso, Pedro e Paulo têm nomes de apóstolos do

cristianismo que também rivalizaram em determinado momento. (LOPES FILHO, 2018, p. 125).

Ainda segundo Lopes Filho (2018), Jesus confiou a Pedro a liderança de seu grupo, “tido como a pedra sobre a qual a igreja seria edificada [...], enquanto Paulo era o que havia passado de caçador de cristãos para um dos maiores missionários de Cristo”. Com isso, Paulo sentiu-se

devoto a ponto de reprimir Pedro por um desvio de conduta. Pedro era o líder, a tradição, e Paulo o confrontou, era o renovador. Rivals de ideias, ambos se tornaram âncoras da fé cristã. A unidade nasceu da contradição, assim como nossa República. (LOPES FILHO, 2018, p. 125).

O período histórico que o Brasil estava vivendo na época da criação dessa obra foi marcado pela disputa política entre conservadores e liberais. Uma figura indecisa, oportunista e que se encontrava disposto a mudar de lado conforme a ocasião era o político Batista – ex-presidente de província do Partido Conservador - pai de Flora.

Ele é a personagem que melhor representa o lado controverso da política brasileira, pois bastou os liberais tomarem o poder, para Batista mudar de posicionamento. A mudança não foi um sacrifício para ele, que era um conservador apenas por interesse, e para recuperar o emprego, tornou-se liberal.

Dona Cláudia era uma mulher que participava da vida política de Batista, tanto em ideias, como em tomadas de decisões. Sendo assim, sabia melhor do que o marido de que lado ele estava ou, pelo menos, aparentava estar. É o que se observa em uma conversa do casal:

- Batista, você nunca foi conservador!
- O marido empalideceu e recuou, como se ouvira a própria ingratidão de um partido. Nunca fora conservador? Mas que era ele então, que podia ser neste mundo? Que é que lhe dava a estima dos seus chefes? Não lhe faltava mais nada... D. Cláudia não atendeu a explicações, repetiu-lhe as palavras, e acrescentou:
- Você estava com eles, como a gente está num baile, onde não é preciso ter as mesmas ideias para dançar a mesma quadrilha.
- Batista sorriu leve e rápido; amava as imagens graciosas e aquela pareceu-lhe graciosíssima, tanto que concordou logo; mas a sua estrela inspirou-lhe uma refutação pronta.
- Sim, mas a gente não dança com as ideias, dança com as pernas.
- Dance com que for, a verdade é que todas as suas ideias iam para os liberais; lembre-se que os dissidentes na província acusavam a você de apoiar os liberais...
- Era falso; o governo é que me recomendava moderação. Posso mostrar as cartas.
- Qual moderação! Você é liberal.
- Eu liberal?
- Um liberalão, nunca foi outra coisa. (ASSIS, 2018, p. 137).

Outra metáfora que ilustra a transição da Monarquia para a República é a reforma da tabuleta da confeitaria do Sr. Custódio. Primeiramente, se chamava *Confeitaria do Império* e, quando o dono do estabelecimento investiu em uma placa nova, ocorreu a queda do Império, dando lugar à República. Com isso, Custódio ficou indeciso se deveria continuar com o nome antigo, ou renomear a confeitaria fazendo menção ao novo regime, Confeitaria da República.

Diante da dúvida, aconselhou-se com Aires, que depois de longa e aflita conversa sobre qual nome seria o mais adequado, sugeriu ao vizinho que pusesse seu próprio nome:

Confeitaria do Custódio, [...] não tinha significação política ou figura histórica, ódio nem amor, nada que chamasse a atenção dos dois regimes [...]. Gastava alguma coisa com a troca de uma palavra por outra, *Custódio* em vez de *Império*, mas as revoluções trazem sempre despesas. (ASSIS, 2018, p.175, grifos do autor).

O Conselheiro, por sua vez, fez uma reflexão sobre a troca da tabuleta da confeitaria que, para ele, era apenas uma questão de efeito; o nome da confeitaria seguiria sendo apenas um nome, assim como a troca de regime não traria grandes mudanças na vida e no dia a dia de ninguém. “Nada se mudaria; o regime, sim, era possível, mas também se muda de roupa sem se trocar a pele”. (ASSIS, 2018, p. 176).

Com isso, abastecido de humor e de ironia, Machado expôs sua opinião sobre os acontecimentos políticos efervescentes à época, no qual restringiu a proclamação da República a uma mera troca de tabuletas, mudança só de nomes. “Os dois regimes se equivalem como rótulos de fachada”. (DOMINGUES, 2016).

3.2.2 Os gêmeos e a disputa por Flora

Os irmãos gêmeos Pedro e Paulo, filhos de Natividade e Agostinho Santos, assim como os gêmeos da narrativa bíblica, também brigavam desde o ventre materno. As escolhas realizadas, na vida adulta, por ocasião da profissão que decidiram seguir e da carreira política em que ambos ingressaram, acentuaram ainda mais as diferenças que os caracterizavam, tal como os acontecimentos políticos pelos quais o Brasil atravessava naquela época.

Logo no início da narrativa, o autor descreve a visita que Natividade e sua irmã Perpétua fizeram à cabocla Bárbara, no Morro do Castelo, a fim de saber como seria

a vida dos seus filhos: “Serão grandes?”, indagou a mãe. Diante disso a cabocla respondeu:

Serão grandes, oh! Grandes! Deus há de dar-lhes muitos benefícios. [...] Brigaram no ventre de sua mãe, que tem? Cá fora também se briga. Seus filhos serão gloriosos. É só o que lhes digo. Quanto à qualidade da glória, coisas futuras! (ASSIS, 2018, p. 57).

Apesar das dessemelhanças que os tornavam inimigos, alimentavam um sentimento em comum que também os colocava em atrito, o amor que cultivavam pela jovem Flora. Ela, porém, morreu sem decidir se ficaria com Pedro, dissimulado e cauteloso, ou com Paulo, arrojado e impetuoso.

Apesar da indecisão, percebe-se que a moça desfrutava dos momentos que ficava na companhia dos irmãos; as conversas, a música, as brincadeiras.

Flora ria com ambos, sem rejeitar nem aceitar especialmente nenhum; pode ser até que nem percebesse nada. Paulo vivia mais tempo ausente. Quando tornava pelas férias, como que a achava mais cheia de graça. Era então que Pedro multiplicava as suas finezas para se não deixar vencer do irmão, que vinha pródigo delas. E Flora recebia-as todas com o mesmo rosto amigo.

Note-se — e este ponto deve ser tirado à luz -, note-se que os dois gêmeos continuavam a ser parecidos e eram cada vez mais esbeltos. Talvez perdessem estando juntos, porque a semelhança diminuía em cada um deles a feição pessoal. Demais, Flora simulava às vezes confundi-los, para rir com ambos. E dizia a Pedro:

— Dr. Paulo!

E dizia a Paulo:

— Dr. Pedro!

Em vão eles mudavam da esquerda para a direita e da direita para a esquerda. Flora mudava os nomes também, e os três acabavam rindo. A familiaridade desculpava a ação e crescia com ela. Paulo gostava mais de conversa que de piano; Flora conversava. Pedro ia mais com o piano que com a conversa; Flora tocava. Ou então fazia ambas as coisas, e tocava falando, soltava a rédea aos dedos e à língua. Tais artes, postas ao serviço de tais graças, eram realmente de acender os gêmeos, e foi o que sucedeu pouco a pouco. (ASSIS, 2018, p. 117).

Ainda segundo Assis, os irmãos dividiam o tempo entre os estudos, a política e o amor. Afinal, “estavam na idade em que tudo se combina sem quebra de essência de cada coisa. Lá que viessem a amar a pequena com igual força é o que se podia admitir desde já, sem ser preciso que ela os atraísse de vontade”. (2018, p. 117).

Flora, cujo pai era o político Batista e a mãe D. Cláudia, era bastante retraída, frágil, avessa a festas, gostava de música, preferia o piano ao canto.

Quem a conhecesse por esses dias, poderia compará-la a um vaso quebradiço ou à flor de uma só manhã, e teria matéria para uma doce elegia. Já então possuía os olhos grandes e claros, menos sabedores, mas dotados de um mover particular, que não era o espalhado da mãe, nem o apagado do pai, antes mavioso e pensativo, tão cheio de graça que faria amável a cara

de um avarento. Põe-lhe o nariz aquilino, rasga-lhe a boca meio risonha, formando tudo um rosto comprido, alisa-lhe os cabelos ruivos, e aí tens a moça Flora. (ASSIS, 2018, p. 110).

A moça não conseguia se decidir por nenhum dos dois irmãos, tanto que o Conselheiro, diante do comportamento da jovem, a chamou de “inexplicável”, (p. 166) durante uma conversa, acerca do amor que os irmãos alimentavam pela jovem, que ele teve com Natividade e escreveu no *Memorial* a seguinte descrição: “Que o Diabo a entenda, se puder; eu, que sou menos que ele, não acerto de a entender nunca. Ontem parecia querer a um, hoje quis ao outro; pouco antes das despedidas, queria ambos”. (ASSIS, 2018, p. 167).

Flora aconselhou-se com Aires, no momento em que Pedro e Paulo cobraram dela uma decisão. O conselheiro, por sua vez, sugeriu que ela fizesse uma viagem, para refletir e talvez poder resolver a situação. Alguns dias depois, Aires foi visitar a irmã, Dona Rita, em Andaraí e, acompanhado dela, foi até a casa dos pais de Flora, a fim de levá-la para a casa da irmã. Os primeiros dias que passara em casa de Dona Rita foram muito agradáveis, porém Flora adoecera e foi necessário chamar, além de um médico, seus pais. Natividade, ao saber da enfermidade de Flora, fora visitá-la, assim como os gêmeos também foram, e ficou alguns dias, a pedido da moça. Tempo depois, o estado de saúde piorou e Flora veio a falecer.

A morte não tardou. Veio mais depressa que se receava agora. [...] Flora acabou como uma dessas tardes rápidas, não tanto que não façam ir doendo as saudades do dia; acabou tão serenamente que a expressão do rosto, quando lhe fecharam os olhos, era menos de defunta que de escultura. As janelas, escancaradas, deixavam entrar o sol e o céu. (ASSIS, 2018, p. 247).

Pedro e Paulo, por cima da cova de Flora, apertaram-lhes as mãos e juntos afastaram-se da sepultura, reconciliados.

Antes de chegar ao portão, reduziram à palavra o gesto das mãos feito sobre a cova. Que juravam a conciliação perpétua.
– Ela nos separou – disse Pedro –; agora que desapareceu, que nos uma.
Paulo confirmou de cabeça.
– Talvez morresse para isso mesmo – acrescentou.
Depois abraçaram-se. (ASSIS, 2018, p. 249).

As escolhas feitas por eles desencadearam em uma sucessão de brigas ao longo de suas vidas, que, em algum momento, por interferência da mãe, cessaram, porém, voltaram a brigar e desse modo terminaram na história.

Consoante Assis, antes de morrer, Natividade teve com os filhos uma “conferência particular” (2018, p. 263), na qual pediu que eles estendessem as mãos e jurassem amizade.

- Vocês vão ser amigos. Sua mãe padecerá no outro mundo, se os não vir amigos neste. [...] a vossa vida custou-me muito, a criação também, e a minha esperança era vê-los grandes homens. [...] Eu é que quero saber que não deixo dois ingratos. Anda, Pedro, anda, Paulo; jurem que serão amigos. [...]
- Juro, mamãe!
- Juro, mamãe!
- Amigos para todo o sempre?
- Sim. (ASSIS, 2018, p. 264).

A promessa de amizade, no entanto, durou por um curto período de tempo, pois os irmãos deputados até frequentaram a Câmara juntos, votaram juntos, ação que foi considerada equivocada, tendo em vista que haviam “sido eleitos para se baterem”. Isso fez com que Pedro lembrasse da obrigação de votarem com os companheiros da política. Sendo assim, não quebrariam a promessa feita à mãe, já que ela apenas havia pedido “concordia pessoal” e não política. (ASSIS, 2018, p. 265).

Flora foi a jovem que despertou nos gêmeos um sentimento que, por vezes, os uniu: o amor. Conforme Assis (2018, p. 117), quando Paulo voltava para o Rio de Janeiro em férias, achava a moça mais cheia de graça. “Era então que Pedro multiplicava as suas finezas para se não deixar vencer do irmão, que vinha prídigo delas. E Flora recebia-as todas com o mesmo rosto amigo”. Com isso, os irmãos iam revelando suas estratégias de conquista e disputa do coração da jovem enamorada.

Quando os irmãos souberam da mudança dos pais e de Flora para outra cidade, o medo da separação os aproximou, ainda que por instantes, àquela sensação dolorosa os fez amigos. “Demais, a dor não era ainda o desespero. Havia até uma consolação para os dois gêmeos: é que a moça ficaria longe de ambos. [...] Não há mal que não traga um pouco de bem [...]”. (ASSIS, 2018, p. 165).

Após a morte de Flora, os irmãos deram uma trégua às brigas. O período de paz, no entanto, durou até o dia em que, ambos sem falarem nada, foram até o cemitério levar flores para a defunta e, com essa atitude, reacenderam as intrigas que existiam entre eles.

Quando Paulo chegou ao cemitério, e viu de longe o irmão, teve a sensação de pessoa roubada. Cuidava ser único e era último. A presunção, porém, de que Pedro não levara nada, uma folha sequer, consolou-o da antecipação da visita. Esperou alguns instantes; advertindo que podia ser visto, desviou-se do caminho, meteu-se por entre as sepulturas, até ir colocar-se atrás daquela.

Aí esperou cerca de um quarto de hora. Pedro não se queria arrancar dali; parecia falar e escutar. Enfim, despediu-se e desceu.

Paulo, vagarosamente, caminhou para a sepultura. Indo a depositar a grinalda, viu ali outra posta de fresco, e entendendo que era do irmão, teve ímpeto de ir atrás dele e pedir-lhe contas da lembrança e da visita. Não lhe leves a mal o ímpeto; passou imediatamente. O que ele fez foi colocar a coroa que levava no lado correspondente aos pés da defunta, para não a irmanar com a outra, que estava do lado da cabeça. (ASSIS, 2018, p. 252-253).

A vida seguia seu curso, passados alguns meses, Pedro iniciou os atendimentos em seu consultório médico e Paulo se colocava à disposição dos carentes de justiça como advogado.

Na política, se elegeram deputados e assumiram suas posições na Câmara, na presença da mãe, da tia Perpétua e do amigo Aires.

[...] foram eleitos em oposição um ao outro. Ambos apoiavam a República, Mas Paulo queria mais do que ela era, e Pedro achava que era bastante e sobeja. Mostravam-se sinceros, ardentes, ambiciosos; eram bem aceitos dos amigos, estudiosos, instruídos. (ASSIS, 2018, p. 259).

3.3 YAQUB E OMAR

*Estou ficando com medo de **Dois irmãos***

Milton Hatoum

Os filhos gêmeos do casal de imigrantes libaneses, Halim e Zana, nasceram em casa. Omar, nasceu um pouco depois, mais escuro e mais cabeludo que Yaqub, também foi o que ficou bastante doente nos primeiros meses de vida.

Apesar das semelhanças físicas “[...] o mesmo rosto anguloso, os mesmos olhos castanhos e graúdos, o mesmo cabelo ondulado e preto, a mesmíssima altura. Yaqub dava um suspiro depois do riso, igualzinho ao outro” (HATOUM, 2006, p. 13), eles tinham comportamentos muito diferentes. Yaqub se considerava menos corajoso que Omar e, ao mesmo tempo, admirava a ousadia e a coragem do irmão. Alimentava uma raiva de si mesmo, em função de se sentir impotente, medroso e covarde perante as brigas que o irmão travava com uns moleques parrudos, dos quais aguentava uns socos e revidava furioso com outros e dizia palavrões.

Por outro lado, Yaqub era mais estudioso, centrado e quieto. Na escola, não se envolvia em confusões, era reconhecido e incentivado pela sua habilidade em desenvolver cálculos.

Era o mais silencioso da casa e da rua, reticente ao extremo. Nesse gêmeo lacônico, carente de prosa, crescia um matemático. O que lhe faltava no manejo do idioma sobrava-lhe no poder de abstrair, calcular, operar com

números. 'E para isso', dizia o pai, orgulhoso, 'não é preciso língua, só cabeça. Yaqub tem de sobra o que falta no outro'. (HATOUM, 2006, p. 25).

Os pedidos de presentes de aniversário eram muito peculiares. Omar aproveitava a ocasião para alimentar um desejo muito diferente do irmão.

Numa manhã de agosto de 1949, dia do aniversário dos gêmeos, o Caçula pediu dinheiro e uma bicicleta nova. Halim deu a bicicleta, sabendo que a esposa, às escondidas, enchia de moedas os bolsos do filho.

Yaqub recusou o dinheiro e a bicicleta. Pediu uma farda de gala para desfilar no dia da Independência. Era o seu último ano no colégio dos padres e agora ia desfilar como espadachim. Já era garboso à paisana, imagine de farda branca com botões dourados, a ombreira enfeitada de estrelas, o cinturão de couro com fecho prateado, a polaina, a luva branca, a espada reluzente que ele empunhou diante do espelho da sala. (HATOUM, 2006, p. 31).

As diferenças de comportamento e postura levaram os jovens para caminhos totalmente opostos. Enquanto Omar gostava de passar noites regadas a bebidas e mulheres, Yaqub estudava. Tanta dedicação resultou na mudança dele para São Paulo e o ingresso, em primeiro lugar, na Escola Politécnica. Em contrapartida, o Caçula permaneceu em Manaus e fora expulso do colégio dos padres por agredir o professor de matemática, padre Bolislau, o mesmo que incentivou Yaqub a ir embora para o sudeste.

Bolislau fez a pergunta difícilíssima, e, em resposta ao silêncio do aluno, zombou. O Caçula se levantou, caminhou para o quadro-negro, parou cabisbaixo diante do gigante Bolislau, deu-lhe um soco no queixo e um chute no saco: um petardo tão violento que o pobre Bolislau se agachou, muito corcunda, e rodopiou como um pião bambo. Não gritou: grunhiu. E na lividez do rosto os olhos claros saltaram, molhados. Houve um tumulto na sala, risos nervosos e risos de prazer, antes do silêncio, antes da chegada do irmão diretor escoltado pela matilha de bedéis. (HATOUM, 2006, p. 29).

Em virtude dos fatos mencionados é possível imaginar quantas situações intrigantes ainda podem embalar a narrativa até o seu final. A distância que separa Manaus de São Paulo, não foi suficiente para apaziguar os nervos dos irmãos e pôr um ponto final nas desavenças. Ao contrário, Omar foi mandado para junto do irmão, para estudar e o que ele fez foi roubá-lo e fugir usando o passaporte de Yaqub. Enquanto o mais velho trabalhava e economizava, o Caçula trapaceava e gastava o dinheiro que não possuía, pois vivia às custas da generosidade de Rânia, a irmã que assumira o comércio da família e movimentava o dinheiro que sustentava a casa e as farras do irmão.

3.3.1 O autor

Milton Hatoum nasceu em Manaus, em 1952, estudou Arquitetura, porém é à literatura que tem se dedicado. Além de escritor, Hatoum é doutor em Teoria Literária pela Universidade de São Paulo (USP) e trabalhou como professor de Literatura Francesa na Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e na Califórnia (USA).

Considerado um dos mais importantes escritores brasileiros na atualidade, suas obras têm recebido premiações e, alcançado uma quantidade significativa de leitores, inclusive jovens, fato considerado raro na literatura nacional, cuja influência, o escritor credita aos professores que têm, cada vez mais, indicado seus livros aos alunos, para trabalhos escolares.

Além do romance **Dois irmãos**, publicado no ano 2000, pela editora Companhia das Letras, o escritor tem obtido visibilidade e respeito com outras obras, pois, assim como recebera o prêmio máximo da literatura nacional - Jabuti - com **Dois irmãos**, o feito se repetiu com **Relato de um certo Oriente** (1989) e **Cinzas do Norte** (2005), esse último ainda, ganhador dos prêmios internacionais Portugal Telecom, Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA) e Bravo!.

Existem estudos publicados sobre as obras escritas por Hatoum, com a finalidade de compreender o regionalismo presente nelas. Ainda que o foco deste estudo não seja o regionalismo, acredita-se que seja importante entender os elementos que compõem a escrita literária do autor.

Segundo estudo da professora da Universidade de São Paulo (USP) Lúgia Chiappini (1995), “Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura”,

[...] o regionalismo é um fenômeno universal, como tendência literária, ora mais ora menos atuante, tanto como movimento – ou seja, como manifestação de grupos de escritores que programaticamente defendem, sobretudo uma literatura que tenha por ambiente, temas e tipos de uma certa região rural, em oposição aos costumes, valores e gosto dos cidadãos, sobretudo das grandes capitais – quanto na forma de obras que concretizem, mais ou menos livremente, tal programa, mesmo que independentemente da adesão explícita de seus autores. (CHIAPPINI, 1991, p. 153-154).

Considerando a constatação de Chiappini, o romance **Dois irmãos** não trata de temas rurais que se opõem aos costumes da cidade, mas de uma narrativa que traz inúmeros elementos da região amazônica, como os rios, os igarapés, a fauna e a flora. Por outro lado, o espaço no qual a narrativa acontece é a cidade de Manaus, com passagens pela cidade de São Paulo e pelo Sul do Líbano. Sendo assim,

considera-se um romance urbano, pois trata de assuntos voltados àquela sociedade, durante os anos de 1920 a 1960, cuja temática principal são os dramas familiares, alimentados pela rivalidade entre os irmãos gêmeos, Yaqub e Omar. Outros temas presentes na obra versam sobre a imigração libanesa para a cidade, o desenvolvimento urbano em decorrência de um ciclo industrial e comercial muito significativo para a região.

Além disso, o autor construiu a narrativa sobre os pilares da memória do narrador e de outras personagens, como Halim (o pai dos gêmeos), com quem o narrador conversa muito ao longo da história. Conforme Borges (2010),

Esse olhar que vem do norte, arquitetado pela memória, mostra a região amazônica, cuja presença dos mitos indígenas enriquece a cultura local, misturada com a presença da cultura libanesa, que em vários trechos da obra tem um caráter mais exótico do que a própria população local. Algumas atitudes dos membros da família e amigos libaneses de Halim soam como caricaturas no mormaço amazônico. (BORGES, 2010, p.72).

Nesse viés memorialístico, o autor relata uma entre tantas conversas que Nael, o narrador, teve com Halim, o patriarca da família. Inclusive é possível perceber que o autor utiliza indícios de saudosismo, tendo em vista que Halim era de origem libanesa. “Nasci no fim do século passado, em algum dia de janeiro... A vantagem é que estou envelhecendo sem saber minha idade: sina de imigrante”. (HATOUM, 2006, p. 113).

De modo semelhante, o autor também utiliza suas memórias e seu saudosismo para escrever suas obras, haja vista que Hatoum é descendente de libaneses, nascido e criado em Manaus, local em que transcorre a narrativa que embasa esta análise. **Dois irmãos** é um romance que trata de dramas familiares, no qual destaca-se os gêmeos, Yaqub e Omar, a irmã Rânia e os pais Halim e Zana.

O autor declarou em uma entrevista, por ocasião da minissérie embasada na obra **Dois irmãos**, que teve a ideia de escrever o romance após a leitura do livro **Esaú e Jacó**, de Machado de Assis, pela referência existente entre as personagens Pedro e Paulo e os acontecimentos políticos da época e que estão representados na obra; a monarquia e a república.

Assim como Machado, Hatoum também tratou de questões sociais e políticas em sua obra. Ainda que de maneira sutil, evidencia fatos que ocorreram na cidade em função dos movimentos que marcaram a história do Brasil, na década de 1960.

NA PRIMEIRA SEMANA DE JANEIRO de 1964 Antenor Laval passou em casa para conversar com Omar. O professor de francês estava afobado, me perguntou se eu havia lido os livros que me emprestara e me lembrou, com uma voz abafada: as aulas no liceu começam logo depois do Carnaval. Falava como um autômato, sem a calma e as pausas do professor em sala de aula, sem o humor que nos mantinha acesos quando ele traduzia e comentava um poema. (HATOUM, 2006, p. 139, grifo do autor).

Após alguns meses, o professor foi capturado e agredido em pleno centro de Manaus.

Foi humilhado no centro da praça das Acácias, esbofeteado como se fosse um cão vadio à mercê da sanha de uma gangue feroz. Seu paletó branco explodiu de vermelho e ele rodopiou no centro do coreto, as mãos cegas procurando um apoio, o rosto inchado voltado para o sol, o corpo girando sem rumo, cambaleando, tropeçando nos degraus da escada até tombar na beira do lago da praça. Os pássaros, os jaburus e as seriemas fugiram. A **vaia** e os **protestos** de estudantes e professores do liceu **não intimidaram os policiais. Laval foi arrastado para um veículo do Exército**, e logo depois as portas do Café Mocambo foram fechadas. Muitas portas foram fechadas quando dois dias depois soubemos que Antenor Laval estava morto. Tudo isso em abril, nos primeiros dias de abril. (HATOUM, 2006, p. 142, grifo nosso).

A obra de Hatoum conta a história de irmãos gêmeos, suas disputas, brigas e rivalidades e como esses conflitos criavam uma atmosfera de muita tensão em torno dos membros da família. No entanto, a mãe desses gêmeos é uma personagem bastante interessante do ponto de vista do comportamento e das influências que desempenha na obra. Ela é sem dúvida a personagem mais ativa do enredo; Zana foi criada pelo pai, aceitou o pedido de casamento de Halim aos 15 anos de idade, além de decidir, após a morte de seu pai e contrariando a vontade do marido, que queria filhos, no mínimo, três. Sendo assim, este estudo priorizará essa personagem e suas ações na narrativa.

3.3.2 Yaqub, Omar e Lívia: a triangulação amorosa

Em **Dois irmãos**, Milton Hatoum presenteia seus leitores com um romance que traz à baila um drama familiar intenso, no qual sugere a reflexão sobre as relações familiares e os conflitos que permeiam essas relações, independente de os envolvidos estarem “unidos” por laços de sangue ou não. No enredo, ele reproduz, sobretudo, a rivalidade entre os irmãos gêmeos Yaqub e Omar, alimentada pela paixão que os dois sentem pela mesma garota.

Para compor a narrativa, Hatoum faz uma abordagem ora branda, ora enérgica e “reconstrói a trajetória de uma família estremecida em seus relacionamentos interpessoais, devido a ciúmes doentios, estranhas paixões e escolhas inadequadas”. (MENEZES, 2009, p. 1).

A vida e o comportamento das personagens fictícias de Hatoum, em **Dois irmãos**, são reflexos de muitas histórias tristes e da ruína de muitas famílias da nossa sociedade. Posturas tão díspares, irresponsabilidades, falta de respeito e até mesmo condutas duvidosas podem ser resultado do excesso de “liberdade” que os filhos receberam em um período longo de suas vidas e que nem todas as pessoas são capazes de conduzir com maturidade ao atingirem a vida adulta. Zana zelou tanto pelo filho caçula, a vida inteira, que se esqueceu da vida com Halim, o marido apaixonado. Tal zelo não impediu que o filho cometesse atos ilegais, como o roubo do passaporte do irmão, o envolvimento com contrabando e o ataque desrespeitoso ao pai morto.

A rivalidade entre os irmãos começou quando ainda eram adolescentes e resultou na ida de Yaqub ao Líbano, onde ficou por cinco anos. O motivo foi uma briga entre eles, enquanto assistiam a um filme na casa de um vizinho, em que todas as crianças da rua eram convidadas.

Na ocasião, Omar viu Yaqub beijando Lívia, uma moça de quem ele também gostava. Sendo assim, de posse de uma garrafa, golpeou o irmão, de modo a marcar-lhe o rosto para o resto da vida. Yaqub, a partir desse episódio, tornou-se um jovem pensativo e silencioso. Aguentou calado todos os apelidos e deboches verbalizados pelos colegas de escola. Os pais temiam a reação dele e a possibilidade de terem mais violência dentro de casa, o que fez Halim decidir pela viagem de Yaqub, com esperança de que a distância poderia desfazer “o ódio, o ciúme e o ato que os engendrou” (HATOUM, 2006, p. 23).

No entanto, os cinco anos de separação não serviram para tornar a relação menos agressiva, pois o ódio e a indiferença só aumentaram com o passar dos anos. Yaqub ao retornar ao Brasil, retomou seus estudos no colégio dos padres e mudou-se para São Paulo, enquanto que Omar, permaneceu em Manaus e não concluiu os estudos.

Evidentemente, a decisão de Yaqub em ir embora de casa foi permeada não apenas pela possibilidade de estudar, mas para ficar longe do irmão e poder viver com Lívia um amor sossegado. Apenas Halim sabia que ela tinha ido a São Paulo a pedido

de Yaqub. Quando Omar foi para o sudeste, vasculhou não só o apartamento do irmão, mas sua vida também.

A empregada já tinha contado para Omar quem era a esposa de Yaqub. Ficou irado porque o Caçula entrou no apartamento dele e vasculhou tudo, encontrou as fotos do casamento, das viagens, e deve ter visto outras coisas. Ele queria manter esse segredo, mas Omar acabou sabendo. Não sei qual dos dois ficou mais enciumado, mas a verdade é que Yaqub não perdoou os desenhos obscenos que Omar fez nas fotos de casamento...[...] Omar encheu o rosto da Lívia de obscenidades, cobriu as fotografias do álbum de casamento com palavões e desenhos... Yaqub ficou louco... Não tinha perdoado a agressão do irmão na infância, a cicatriz... Isso nunca tinha saído da cabeça dele. Jurou que um dia ia se vingar. (HATOUM, 2006, p. 93).

O casamento de Yaqub e Lívia não incomodou apenas Omar, mas também, Zana. Ela considerou o casamento do mais velho uma traição ao Caçula.

Ela mesma, a Lívia, filha da tua irmã... Sabes muito bem com quem se casou... Pescou meu filho num daqueles cineminhas do teu porão. Yaqub se casou como um cardeal, sem conhecer mulher. Casou escondido em São Paulo, longe da família, que nem um bicho... Olha o que os dois fizeram com o Omar. (HATOUM, 2006, p. 185-186).

A disputa dos gêmeos pelo coração da jovem Lívia iniciou cedo e rodeada de muito ciúme, tensão e provocações, conforme pode ser constatado a seguir:

O baile dos jovens havia começado antes do anoitecer. Às dez horas os adultos entraram fantasiados na sala do casarão, cantando, pulando e enxotando a garotada. Yaqub quis ficar até meia-noite, porque uma sobrinha dos Reinoso, a menina aloirada, corpo alto de moça, também ia brincar até a manhã da Quarta-Feira de Cinzas. Seria a primeira noite de Lívia na festa dos adultos, a primeira noite que ele, Yaqub, viu-a com os lábios pintados, os olhos contornados por linhas pretas, as tranças salpicadas de lantejoulas que brilhavam nos ombros bronzeados. Queria ficar para pular abraçado com ela, sentir-se quase adulto como ela. Já pensava em se aproximar de Lívia quando a voz de Zana ordenou: "Leva tua irmã para casa. Podes voltar depois". Ele obedeceu. Acompanhou Rânia até o quarto, esperou-a dormir e voltou correndo ao casarão dos Benemou. A sala fervilhava de foliões, e no meio das tantas cores e das máscaras ele viu as tranças brilhantes e os lábios pintados, e logo ficou trêmulo ao reconhecer o cabelo e o rosto semelhantes ao dele, pertinho do rosto que admirava.

Lívia e o irmão dançavam num canto da sala. Dançavam quietos, enroscados, movidos por um ritmo só deles, que não era carnavalesco. Quando os foliões esbarravam no par, os dois rostos se encontravam e, aí sim, davam gargalhadas de Carnaval. Yaqub ensombreceu. Não teve coragem de ir falar com ela. Odiou o baile. [...] Foi uma noite insone. Ele fingia dormir quando o irmão entrou no quarto dele naquela madrugada, quando o som das marchinhas carnavalescas e a gritaria dos bêbados enchiam a atmosfera de Manaus. De olhos fechados, sentiu o cheiro de lança-perfume e suor, o odor de dois corpos enlaçados, e percebeu que o irmão estava sentado no assoalho e olhava para ele. Yaqub permaneceu quieto, apreensivo, derrotado. Notou o irmão sair lentamente do quarto, o cabelo e a camisa cheios de confete e serpentina, o rosto sorridente e cheio de prazer. Foi o seu último baile. (HATOUM, 2006, 15-16).

Lívia, por sua vez, gostava dos dois; se sentia atraída pelo aroma deles, trocava sorriso com um e com outro. Omar reagia enciumado quando via a menina loira sorrindo para o irmão. Se tinha oportunidade, convidava ela para irem para outro ambiente, com tanto que fosse longe do irmão. Ela não era boba,

era uma mocinha apresentada, que sorria sem malícia e atraía os gêmeos e todos os meninos da vizinhança quando trepava na mangueira, e em redor do tronco um enxame de moleques erguia a cabeça e seguia com o olhar a ondulação do short vermelho. Mas ela gostava mesmo era dos gêmeos; olhava dengosa para os dois; às vezes, quando se distraía, olhava para Yaqub como se visse nele alguma coisa que o outro não tinha. Yaqub, meio acanhado, percebia?. (HATOUM, 2006, p. 21).

Contudo, a vida amorosa dos irmãos foi bastante distinta. Longe de Manaus, Yaqub casou-se com Lívia, alvo da disputa entre eles, e com ela permaneceu até o final da narrativa. Omar, no entanto, nunca se casou, arrumava mulheres para passar a noite nas festas da cidade, além do que Zana não permitia que ninguém se interessasse pelo seu Caçula.

4 O PAPEL DA MÃE – ZANA

Pouco se tem explorado o papel dos pais de gêmeos, especificamente das mães, na geração de conflitos e/ou na solução deles nas narrativas, por isso, nesta análise, nosso foco estará direcionado para o papel que a mãe de Yaqub e de Omar desempenha na obra de Hatoum. Apesar da grandeza dos filhos, há uma mãe de tamanho gigante, de personalidade forte, de emoções intensas que merece uma atenção especial, haja vista os diversos estudos encontrados que não contemplam o espaço que ela ocupa na trama.

Com efeito, a atenção que falta às mães não é apenas nos estudos inexistentes baseados nas narrativas (em estudos semelhantes a esse), mas na escassez de fundamentação teórica que possibilita a exploração dessas personagens tão complexas e interessantes como, por exemplo, no que se refere à mãe de gêmeos na simbologia.

Nas obras analisadas para a elaboração deste trabalho, foi possível perceber que, tanto na literatura quanto nos estudos de casos, a ênfase é dada aos pares de gêmeos, seus conflitos, seus amores e suas escolhas que estão sempre em evidência. Possivelmente pelo fato da temática envolvendo pares de gêmeos ser universalmente tratada de modo místico.

Na literatura, as obras consultadas durante este estudo, apresentam pares de gêmeos com muitas semelhanças, isto é, percebe-se uma conversa bastante íntima entre elas. O próprio autor de **Dois irmãos** afirmou que a inspiração/ideia de compor a narrativa surgiu no momento em que ele lia a obra de Machado de Assis:

Comecei a pensar no livro quando li “Esaú e Jacó”, que considero um dos grandes romances de Machado de Assis, mesmo sendo um dos menos lidos. Ali, havia um embate que, no fundo, era entre monarquia e república, com um fundo político machadiano. (CASTRO, 2016).

Machado, por sua vez, apresenta em sua obra pontos em comum, a começar pelo título, com o mito bíblico de **Esaú e Jacó**, bem como a briga que os gêmeos tiveram no ventre das mães, Natividade e Rebeca.

Na narrativa bíblica, Esaú tinha a preferência do pai; Jacó, a da mãe. Tanto que Rebeca planejou a trapaça para que o caçula recebesse a bênção de Isaac no lugar de Esaú, tendo em vista a cegueira do pai. No texto não consta registros de brigas motivadas por disputas amorosas, apenas pela primogenitura.

Em contrapartida, Pedro e Paulo, os gêmeos machadianos, além de brigarem no ventre de Natividade, foram rivais na política, escolheram profissões distintas e disputaram o amor da mesma jovem, a indecisa Flora. Natividade, no entanto, ao contrário de Rebeca, não arquitetou nenhuma trapaça em favor de nenhum dos filhos. Ela é apresentada na obra como uma mãe que agia em favor da paz entre os filhos, quando os filhos brigavam, ela se entristecia e apaziguava os ânimos entre eles, sem demonstrar preferências por um e/ou por outro.

Natividade vivia agora enamorada dos filhos. Levava-os a toda a parte, ou guardava-os para si, a fim de gostar mais deliciosamente, de os aprovar por atos, [...]. As recreações pouco a pouco os tomaram, algum passeio de carro ou a cavalo, e outras diversões os traziam unidos. (ASSIS, 2018, p. 250).

No romance hatouniano, o enredo tem um ritmo mais intenso, assim como as relações estabelecidas entre as personagens. Segundo o próprio autor, Zana, a mãe dos gêmeos, é “louca”, apaixonada por Omar, o Caçula, além do comportamento competitivo dos irmãos ao disputarem o amor da mesma jovem, Lívia. Essa atitude desencadeou em agressão física que deixou marcas incorrigíveis, tanto física, quanto emocionalmente nos envolvidos. Desde o nascimento dos filhos, Zana protegeu, defendeu e mimou Omar.

Nasceram em casa, e Omar uns poucos minutos depois. O Caçula. O que adoeceu muito nos primeiros meses de vida. E também um pouco mais escuro e cabeludo que o outro. **Cresceu cercado por um zelo excessivo, um mimo doentio da mãe**, que via na compleição frágil do filho a morte iminente.

Zana não se despegava dele, e o outro ficava aos cuidados de Domingas [...]. (HATOUM, 2006, p. 50, grifo nosso).

Yaqub, no entanto, ficava sob os cuidados da empregada que brincava com ele e levava para passear. Enquanto isso,

Zana se refestelava no convívio com o outro, levava-o para toda parte: passeios de bonde até a praça da Matriz, os bulevares, o Seringal Mirim, as chácaras da Vila Municipal; levava-o para ver os malabaristas do Gran Circo Mexicano, para brincar nos bailes infantis do Rio Negro Clube, onde aos dois anos ele foi fotografado com a fantasia de saum-de-coleira que ela, Zana, guardou como relíquia. (HATOUM, 2006, p. 50, grifo nosso).

Quando os gêmeos já estavam adultos, Yaqub morando há anos em São Paulo e Omar “gandaiando” com mulheres nas festas noturnas de Manaus, o pai deu uma bofetada no rosto do Caçula e o acorrentou no cofre, em virtude de uma festinha com uma moça, realizada na própria sala de casa. Halim sumiu por dois dias e Zana não conseguiu socorrer Omar. Diante da situação,

ela esbravejou, gritou, sentiu-se mal ao ver o filho acorrentado, apoiado ao cofre enferrujado, a face esbofetada em alto-relevo. No meu íntimo [Nael], aquele tabefe soava como parte de uma vingança. Rânia passava arnica na face intumescida, a mãe alimentava o filhote na boquinha e Domingas ajeitava o penico para ele mijar. Três escravas de um cativo. (HATOUM, 2006, p. 68).

Zana não se contentava em realizar seus feitos sozinha em benefício do Caçula, convocava Domingas para colaborar com os cuidados.

Dentre as inúmeras confusões, nas quais Omar se meteu durante a vida, Zana sempre o defendia, considerava que ele era mal interpretado, injustiçado, humilhado e, de certo modo, tentava minimizar a agressividade das ações do filho. Tanto que, quando ele foi expulso da escola, pelos padres, depois de ter agredido o professor Bolislau, vingando-se de um castigo que esse lhe aplicou, a mãe, por sua vez, não aceitou a decisão.

Ela considerou injusta a expulsão do filho, mas Deus quis assim; afinal, até ministro de Deus é vulnerável. 'Esse Bolislau errou', murmurava. "Meu filho **só** quis provar que é homem...que mal há nisso? Ela não queria ver no homem o agressor. (HATOUM, 2006, p. 29-30, grifo nosso).

Diante do exposto até aqui, debruçamo-nos sobre os elementos teóricos que discorrem da formação da personagem em narrativas ficcionais, como é o caso das obras em estudo. Sobre o papel das personagens, em narrativa, cujo tipo citamos há pouco, o francês Yves Reuter, em **A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração**, diz que:

As personagens têm papel essencial na organização das histórias. Elas permitem as ações, assumem-nas, ligam-nas entre si e lhes dão sentido. De certa forma, *toda história é história de personagens*. Aliás, isso é amplamente atestado pelos títulos dos livros e dos filmes ou pela maneira de resumi-lo por intermédio dos protagonistas. Isso explica por que sua análise é fundamental e por que mobiliza tantos teóricos. (REUTER, 2002, p. 41).

O estudo realizado por Reuter (2002, p. 41) foi motivado pelo fato de que, muitas vezes as personagens são encaradas como sendo pessoas reais, "de carne e osso". Isso ocorre, provavelmente, devido à estreita conexão estabelecida entre elas e os leitores. Sendo assim, as análises são focadas mais para o campo psicológico, deixando de lado a "construção textual" a que pertence a narrativa de ficção.

Posto isso, ele apresenta em sua análise, as categorias de critérios (qualificação diferencial, funcionalidade diferencial, distribuição diferencial, autonomia diferencial, pré-designação convencional e comentário explícito) propostas por

Phillipe Hamon (1972), “para distinguir e hierarquizar as personagens por meio de seu ‘fazer’ (suas ações), de seu ‘ser’, de sua posição em um determinado gênero e de como ela é designada pelo autor”. (REUTER, 2002, p. 41-42).

A qualificação diferencial concerne à natureza e quantidade de qualificações atribuídas às personagens. [...] *A funcionalidade diferencial* diz respeito não mais ao ser, mas ao fazer das personagens: seu papel na ação, mais ou menos importante, portando ou não sucesso. [...] *A distribuição diferencial*, articulando o fazer e o ser, concerne às dimensões quantitativa e estratégica das aparições das personagens: eles aparecem mais ou menos frequentemente, por mais ou menos tempo, com um papel e efeitos mais ou menos importantes. [...] *A autonomia diferencial* articula também o fazer e o ser, mas a partir de modos de combinação das personagens entre elas. [...] *A pré-designação convencional* combina o fazer e o ser das personagens em referência a um determinado gênero. [...] *O comentário explícito* diz respeito ao discurso do narrador a propósito da personagem. (REUTER, 2002, p. 41-42).

Ainda segundo Reuter (2002, p. 48), Claude Brémont (1973) elaborou “um modo de análise dos papéis das personagens” que consiste em três situações essenciais: “o paciente, o agente e o influenciador”.

O *paciente* é o papel de base, pois toda personagem o foi, o é ou o será. É ele que vem a ser afetado pelo processo. O *agente* exerce a ação. E o *influenciador* intervém antes da ação, a fim de influenciar o estado de espírito [...] do agente ou do paciente. [...] Brémont especifica o papel do agente, segundo a natureza, as funções e os efeitos do processo em curso: voluntário ou não, de conservação ou de modificação de um estado, de efeito benéfico ou não, bem-sucedido ou não... (REUTER, 2002, p. 48-49, grifo do autor).

Hatoum ao apresentar os filhos gêmeos e suas personalidades antagônicas e pungentes, numa narrativa fluente, revela, também, a mãe. Em uma obra, cujo título sugere ao leitor que atente para o enredo em torno dos dois irmãos, a mãe chama a atenção porque seu nome (Zana) é citado mais de 350 vezes no texto. Yaqub, o filho mais velho, é citado mais de 290 vezes e Omar, o Caçula, mais de 280 vezes.

Em comparação à obra machadiana, a situação é diferente, pois o resultado das vezes que o nome de Natividade aparece (em torno de 185 vezes) é menor que o dos filhos Pedro (em torno de 196 vezes) e Paulo (em torno de 213 vezes).

Na narrativa bíblica, o nome de Rebeca recebeu menos de dez menções, e os nomes dos filhos, Esaú e Jacó receberam em torno de 20 menções. Cabe ressaltar, no entanto que esse não é o ponto mais relevante que está sendo considerado neste estudo, até porque a narrativa bíblica é deveras curta em comparação com as outras duas. O que torna a pesquisa interessante é a ação das personagens, ou seja, qual a função delas na narrativa. Rebeca, por sua vez, é citada poucas vezes, porém o que a torna uma personagem significativa é a qualidade de seus atos, visto que ela

planejou a trapaça e ajudou Jacó a enganar o pai usurpando a primogenitura do irmão. Desse modo, suas ações são deliberadamente maldosas, no sentido de trair Isaac, o marido; por exemplo, ao preparar a comida para Jacó levar ao pai e ajudar a confeccionar o disfarce de Jacó.

Diante da apuração dos dados supracitados e com base nos critérios apresentados por Reuter (2002, p. 42), nos quais especifica o papel da personagem pela forma como age na narrativa, assim como pelas diferentes funções dela no texto, ou seja, não mais pelo que ela é, mas pelo que ela faz, “seu papel na ação, mais ou menos importante, dar-se-á a análise da personagem Zana, em comparação a Natividade e Rebeca.

Zana, a menina imigrante, que ajudava o pai no modesto restaurante que mantinham em Manaus até se casar com Halim, se faz presente na história do início ao fim. O autor dá início à obra com seu nome, escrevendo os últimos momentos da vida dela, na casa em que viveu com o marido, os filhos, a empregada e o filho dela.

ZANA TEVE DE DEIXAR TUDO: o bairro portuário de Manaus, a rua em declive sombreada por mangueiras centenárias, o lugar que para ela era quase tão vital quanto a Biblos de sua infância: a pequena cidade no Líbano que ela recordava em voz alta, vagando pelos aposentos empoeirados até se perder no quintal, onde a copa da velha seringueira sombreava as palmeiras e o pomar cultivados por mais de meio século”. (HATOUM, 2006, p. 9, grifo do autor).

Hatoum ressalta, em sua narrativa, a personalidade e a coragem de Zana, desde o momento em que ela decide sozinha casar-se com Halim, as exigências que fez ao pai e ao futuro marido por ocasião do casamento, o nascimento dos filhos e a postura que adota ao educá-los, os conflitos familiares, a fragilidade dela diante das perdas, até a morte da personagem. Conforme o autor, “ela, Zana, mandava e desmandava na casa, na empregada, nos filhos” (HATOUM, 2006, p. 41), enquanto Halim, o marido, era “paciência só, um Jó apaixonado e ardente, aceitava e engolia cobras e lagartos, sempre fazendo as vontades dela, e, mesmo na velhice, mimando-a, “tocando o alaúde só para ela” (HATOUM, 2006, p. 41).

Após o ato de conquista de Halim, no qual recitou poesias compostas pelo amigo Abbas, Zana, a moça de apenas 15 anos, se calou e ficou recolhida em seu quarto por dias e apenas comunicou ao pai a decisão que já estava tomada.

Solitária, reclusa entre quatro paredes, extasiada com os gazais de Abbas, Zana foi falar com o pai. Já havia decidido casar-se com Halim, mas tinham de morar em casa, nesta casa, e dormir no quarto dela. Fez a exigência ao Halim na frente do pai. E fez outra: tinham de casar diante do altar de Nossa

Senhora do Líbano, com a presença das maronitas e católicas de Manaus. (HATOUM, 2006, p. 40).

Galib, o pai, tratou de organizar os preparativos do casamento, conforme a filha ordenara e, após o casamento de Zana, resolveu retornar ao Líbano, onde morreu tempos depois. A filha quando soube ficou deveras entristecida e depois disse ao marido: “Agora sou órfã de pai e mãe. Quero filhos, pelo menos três”. (HATOUM, 2006, p. 42). Halim, apesar de dizer que não queria filhos, em nada alterou a decisão da esposa.

Diante do comportamento calmo do marido, Zana encontra espaço para agir. Sendo assim, a personagem aparece com maior frequência na narrativa e suas ações influenciam o desenrolar dos acontecimentos, conforme exposto por Reuter em seu estudo.

Quando Halim expulsou Omar do quarto do casal, pois ele estava “aninhado no corpo da mãe” (HATOUM, 2006, p. 52) e fez advertência à esposa sobre o mimo excessivo despendido a ele, Zana alegou dizendo que ele tivera um pesadelo. “Meu mico-preto, meu peludinho”, Zana dizia a Omar, para desespero de Halim. O peludinho cresceu, e aos doze anos já tinha a força e a coragem de um homem. ‘Fez os diabos, o Omar’...” (HATOUM, 2006, p. 53).

A relação que Zana tinha com a filha Rânia era no sentido de arrumar um casamento para que a jovem não ficasse solteirona. Quando ela tinha 15 anos, teve um namorado, a quem muito amou, mas a mãe implicou, disse que o homem não era digno de sua filha. Halim tentou ajudar Rânia, porém Zana foi mais forte nos argumentos. A cada ano, no seu aniversário, essa convidava algum possível pretendente para a filha, que, por sua vez, dispensava a todos. Perante isso, Zana advertia: “Vais ficar solteirona, filha. É triste ver uma moça envelhecer assim”. (HATOUM, 2006, p. 71). Rânia, apesar de bela, era bastante reservada, as festas noturnas eram, para ela, um hiato em seu enclausuramento.

“Perdeste um rapagão, querida. Estás jogando a sorte pela janela”. Rânia reagia com raiva: “A senhora sabe... Não era esse que eu queria. Nunca me senti atraída por nenhum desses idiotas que passam por aqui”.

O que para a mãe era um golpe de sorte, para ela não passava de um prazer que durava três músicas ou quinze minutos. Ao contrário de Zana, ela conseguia disfarçar o ciúme que sentia do Caçula, e ambas faziam tudo para reinar nas noites de festa, quando ele aparecia em casa com uma nova namorada. (HATOUM, 2006, p. 73).

Por outro lado, com Omar era diferente, pois Zana escorraçava toda e qualquer moça que demonstrasse interesse pelo seu Caçula. Agia com desdém,

desprezo e dava um jeito de tirar as mulheres de cena e da vida do filho. Foi assim que agiu quando ele apresentou a “Mulher Prateada” à mãe.

Dessa vez ela não quis disfarçar: encarou com um sorriso dócil e um olhar de desprezo a mulher que jamais seria a esposa de seu filho, a rival derrotada de antemão. No fundo, Zana não dava muita trela às mulheres que o Caçula levava para casa [...] Zana era mais forte, mais audaciosa, mais poderosa. [...] Todas foram vítimas de Zana. Todas, menos duas. (HATOUM, 2002, p. 74-75).

Zana enfrentou alguns duelos, pois Dália, pretensa nora, foi para ela uma ameaça ao seu posto de rainha. Omar, que sempre “cometia o erro de trair a mulher que nunca o havia traído” (HATOUM, 2006, p. 76), trouxe a dançarina para a festa da mãe. Após dançarem grudados e cambalearem de cansaço, Zana pegou a Mulher Prateada pelo braço e cochichou. A dançarina recolheu seus pertences e com ar de humilhada disse em voz alta: “Vamos ver, vamos ver”. Omar, sonolento, levantou-se da rede e “desapareceu na noite, atrás da mulher”. (HATOUM, 2006, p. 77). Outra que deu trabalho para afugentar, e que Omar chegou a se esconder para ficar junto, foi Pau-Mulato:

bela rubiácea. E que apelido para uma mulher! O apelido foi o de menos. Depois de Dália, Zana pensou que o Caçula ia desistir de amar alguém. Não desistiu; não era tão fraco assim. Além disso, as mulheres da casa não saciavam a sede do Caçula. E o aventureiro, quando menos espera, cai na malhadreira e se enrosca. (HATOUM, 2006, p. 100).

A batalha para ter o filho de volta foi longa. Zana ficou triste, não comia, só rezava para encontrar o esconderijo do casal. Halim precisou entrar em ação, começou a investigar o paradeiro do filho e descobriu que ele morava num barquinho de aluguel bem barato com a Pau-Mulato. Zana, depois de algum tempo, foi até lá e com a ajuda de alguns homens, capturou o filho. “Ouvi gritos de mulher, depois um choro e a voz de Zana: ‘Soltem essa mulher...deixem ela no barco... Meu filho vai sozinho para casa’”. (HATOUM, 2006, p. 132). A fidelidade à mãe foi recompensada com muito mimo, pois Zana dava tudo, contanto que ele não desgarrasse.

Zana era ousada, seus atos não tinham limites. Quando os filhos brigaram e Omar agrediu Yaqub, Halim queria que os dois fossem para o Líbano, mas ela “relutou e conseguiu persuadir o marido a mandar apenas Yaqub. Durante anos Omar foi tratado como filho único, o único menino”. (HATOUM, 2006, p.12).

Quando Yaqub retornou, depois de cinco anos, Halim foi buscá-lo no Rio de Janeiro. Enquanto isso,

Zana os esperava no aeroporto desde o começo da tarde. [...] Quando viu o bimotor prateado aproximar-se da cabeceira da pista, desceu correndo, atravessou a sala de desembarque, **subornou um funcionário**, caminhou altiva até o avião, subiu a escada e irrompeu na cabine. Levava um buquê de helicônias que deixou cair ao abraçar o filho ainda lívido de pavor, dizendo-lhe, “Meu querido, meus olhos, minha vida”, chorando, “Por que tanta demora? O que fizeram contigo?”, beijando-lhe o rosto, o pescoço, a cabeça, sob o olhar incrédulo de tripulantes e passageiros[...]. Mas ela não cessou os afagos, e saiu do avião abraçada ao filho, e assim desceu a escada e caminhou até a sala de desembarque, radiante, cheia de si, como se enfim tivesse reconquistado uma parte de sua própria vida: o gêmeo que se ausentara por capricho ou teimosia de Halim. E ela permitira por alguma razão incompreensível, por alguma coisa que parecia insensatez ou paixão, devoção cega e irrefreável, ou tudo isso junto, e que ela não quis ou nunca soube nomear. (HATOUM, 2006, p. 12-13, grifo nosso).

No colégio dos padres, por ocasião da expulsão de Omar, Zana, mais uma vez, demonstrou sua personalidade. Os pais foram convocados a comparecer, porém

só ela foi, ela e Domingas, sua sombra servil. Soltou cobras e lagartos nas vendas do irmão diretor. O senhor não sabia que o meu Omar adoeceu nos primeiros meses de vida? Por pouco não morreu, irmão. Só Deus sabe, Deus e a mãe... Ela suava, entregue ao êxtase de grande mãe protetora. [...] mais calma, menos injuriada, Quantos órfãos deste internato comem à nossa custa, irmão? E as ceias de Natal, as quermesses, as roupas que nós mandamos para as índias das missões?. (HATOUM, 2006, p. 27).

Nem a ida para São Paulo, onde Yaqub morava, fez de Omar uma pessoa melhor. Além de roubar muitos dólares, roupas, o passaporte e usá-lo para ir aos Estados Unidos, passando-se pelo irmão, quando descobriu que a esposa de Yaqub era a jovem que desencadeou a briga entre eles na adolescência, encheu o álbum de casamento do irmão de desenhos obscenos e fugiu. Zana quando soube que o filho mais velho tinha se casado, “não sossegou até descobrir quem era a nora. Aos poucos, a curiosidade cresceu com o ciúme.” (HATOUM, 2006, p. 95). Comia escondida as guloseimas que a nora enviava para Halim, apesar de sentir vontade de pôr tudo no lixo.

Yaqub, em visita a Manaus, relatou ao pai as tramoias e as confusões que Omar aprontara e, em tom de fúria, não parava de xingar o irmão. Disse ainda que,

Zana devia conhecer essa história, e aí sim, ela ia entender o verdadeiro caráter do caçulinha dela, o peludinho frágil. Mimem esse crápula até ele acabar com vocês! Vendam a loja e a casa! Vendam a Domingas, vendam tudo para estimular a safadeza dele! (HATOUM, 2006, p. 93).

Para ter o Caçula ao alcance dos olhos, Zana fazia de conta que não percebia a subtração de parte do dinheiro separado para as despesas domésticas. Ao contrário,

Às vezes, quando o filho se penteava diante do espelho da sala, a mãe se aproximava dele, cheirava-lhe o pescoço, e enquanto ele se arrepiava,

vaidoso e possuído pelo amor materno, ela arrumava-lhe a gola da camisa; depois a mão de Zana descia, apertava o cinturão, e nesse momento dava um jeito de enfiar um maço de cédulas no bolso da calça. (HATOUM, 2006, p. 99).

Para retornar às noites de diversão, Omar pedia dinheiro à irmã. Elogiava-a, enquanto exercitava seu poder de sedução, pois havia desaprendido, já que ficara vivendo no barco amaldiçoado por Zana durante muito tempo com a Pau-Mulato. E, desse modo, o autor nos apresenta mais um trecho da narrativa, preenchido com ações de Zana:

No fundo, Omar era cúmplice de sua própria fraqueza, de uma escolha mais poderosa do que ele; não podia muito contra a decisão da mãe, para quem parecia dever uma boa parte de sua vida e de seus sentimentos. Preferiu as putas e o conforto do lar a uma vida humilde ou penosa com a mulher que amava. Tentou se conformar com essa frustração que ele supunha pacificada, e nunca mais ousou entregar-se a mulher nenhuma. (HATOUM, 2006, p. 134).

Diante dos acontecimentos, no ano de 1964, Zana, temeu pela vida de Omar, pois o professor Antenor Laval, com quem o filho se relacionava, foi capturado e morto pelos militares, no Centro de Manaus. Omar ficou muito abalado com a morte do professor-amigo e saiu andando pela chuva, adoecendo depois disso. Durante os dias que ele esteve de cama, “Rânia subia e descia com compressas e pratos de comida. Zana não se desapegava dele; ela se ressentiu de Domingas e Halim, que não tinham ido ver o Caçula”. (HATOUM, 2006, p. 151).

Na véspera do Natal de 1968, pela manhã, Halim saiu de casa e, para desespero de Zana, não retornou para a ceia. Ela, para evitar um escândalo, não avisou a polícia. “Dizia que cedo ou tarde ele voltaria para casa. ‘O lugar dele é aqui, perto de mim, sempre foi’, ela repetia. [...] Zana não tocou na comida, ia esperar mais um pouco. ‘Ele sabe que esta noite é importante para mim...Nunca deixou de vir, nunca...’ Ela ficou sozinha na mesa, olhando a cadeira na cabeceira, o lugar dele”. (HATOUM, 2006, p.159-160).

Próximo do dia amanhecer, na sala de casa, Zana viu Halim sentado no sofá e se aproximou dele para saber por que dormia ali.

Depois, menos trêmula, conseguiu iluminar seu corpo e ainda teve coragem de fazer mais uma pergunta: por que tinha chegado tão tarde? Então com o sotaque árabe, ajoelhada, gritou o nome dele, já lhe tocando o rosto com as duas mãos. Halim não respondeu. Estava quieto como nunca. Calado, para sempre. (HATOUM, 2006, p. 160).

Omar acordou com o choro das mulheres da casa, desceu a escada e, visivelmente incendiado de ódio, começou a gritar com o pai.

Gritos na madrugada. Os gritos do Caçula. O choro de Rânia, de Domingas. Zana cobria o rosto com as mãos; ela estava sentada no chão, no meio de cacos do alquidar, perto de Halim, talvez sem entender como tinha acontecido. Ninguém, naquela noite, viu o velho entrar na sala. Ele devia ter chegado no meio da madrugada, avançando com passos imperceptíveis de velho ferido que foge de tudo e de todos para morrer. Omar nos surpreendeu com seu gesto irado, o dedo em riste apontado para o rosto de Halim, para os olhos quase fechados, sem vida, do pai cabisbaixo. Rânia ficou paralisada: não sabia o que fazer, não pôde impedir o irmão de gritar, de pegar no queixo do pai e erguer-lhe a cabeça. O viúvo Talib chegou a tempo de evitar um confronto entre o filho vivo e o pai morto. (HATOUM, 2006, p. 162).

O comportamento de Omar abalara a mãe de modo particular e, semanas depois da morte do marido, ela repreendeu o filho.

A seguir, observam-se registros muito significativos da narrativa, no qual Zana desaprova uma atitude do Caçula e avisa que já é tempo de Omar deixar de ser um homem desocupado. A postura da mãe causou, por assim dizer, uma espécie de ruptura com o filho, pois ela não ficava mais à disposição de Omar como antes e olhava para ele com tristeza.

Ele foi pego de surpresa, e escutou palavras que assustam, intimidam. Ele tinha exagerado no trato com o pai morto, a quem dissera coisas de arrepiar. Humilhar o esposo morto, isso Zana não admitia. Na madrugada em que Halim morreu, ela escutara calada o monólogo absurdo do Caçula e não se esquecera do dedo em riste na cara do finado, nem da voz insolente, das palavras infames contra alguém que não podia responder nem com um gesto, nem com um olhar.

[...]

Chega de bancar o coitadinho, chega de esfolar as mãos e os braços com esse trabalho de péssimo jardineiro”, ela increpou com uma voz ríspida. “Agora tu não tens pai... deves procurar um emprego e parar com essa mania de desocupado.”

Ele se voltou para a mãe, os olhos incrédulos. Zana tirou o terçado da mão dele e cravou-o na terra: “Vai te olhar no espelho... Teu pai não suportava te ver assim... Não aguentava ver uma vida desperdiçada... Não merecia ouvir aquelas torpezas... Um homem morto...”. Parou de ralhar e entrou na sala, soluçando. Não quis falar com o filho quando ele se aproximou e tentou afagá-la. Desviou a cabeça, deixou-o com as mãos no ar. Ele se afastou, e diante do espelho viu o corpo cheio de pústulas e arranhões. Depois subiu a escada olhando para a mãe, tentando cativá-la nessa tarde em que ela o surpreendera com palavras ríspidas e evitara seu afago. (HATOUM, 2006, p. 165-166).

Antes de morrer, Zana desejou a reconciliação dos gêmeos: “O que eu mais quero é paz entre os meus filhos. Quero ver vocês juntos, aqui em casa, perto de mim... Nem que seja por um dia.” (HATOUM, 2006, p. 168). No entanto, nem Omar, nem Yaqub se empenharam para um pedido de perdão, ao contrário, tiveram uma

briga tão violenta que Yaqub precisou ser hospitalizado, pondo fim no sonho de paz almejado pela mãe.

A casa envelhecida foi lentamente se esvaziando, até ser demolida. Halim e Domingas, a empregada, faleceram, Rânia se mudou para outra casa e Omar estava desaparecido. Nael, o narrador e filho da empregada, herdou um quartinho nos fundos da casa de Zana e, antes dela morrer, foi visitá-la em uma clínica.

Nas obras analisadas para este estudo foram constatadas similaridades entre as mães. Diante desse aspecto, pontuaremos alguns desses traços em comum que contribuíram no sentido de dar robustez a este trabalho.

Zana (DI) e Natividade (EJ) identificam-se pelo desejo de reconciliação entre os filhos, enquanto Rebeca não demonstra esse desejo. Ainda que Pedro e Paulo não brigassem com a violência de Yaqub e Omar, o sentimento de Natividade e Zana era de vê-los amigos antes de morrer. A primeira conseguiu que os filhos, ainda que por um tempo, tivessem uma relação de amizade, Zana, não.

Rebeca, do mito religioso, prefere o mais novo, Jacó, assim como Zana, tem preferência por Omar, o Caçula. Rebeca planejou a trapaça e ajudou Jacó a enganar Isaac, a fim de usurpar a primogenitura de Esaú. Zana, por sua vez, protegeu, acobertou e mimou Omar desde os primeiros dias de vida. Para atender aos desejos dele, ela não media esforços e nem consequências. Natividade é a mãe que apresenta equilíbrio nesse sentido, pois não demonstra preferir um filho a outro.

No mito, os filhos de Rebeca brigaram desde o ventre, assim como os de Natividade. Ambas foram buscar respostas para a situação; Rebeca questiona Javé, enquanto Natividade, a cabocla do Castelo.

Em face do exposto, independentemente da quantidade de vezes que o nome de Zana é citado na obra, e de ser a personagem principal ou secundária em **Dois irmãos**, ela se torna uma personagem diferenciada pela maneira como age na narrativa e/ou pela função que desempenha. Ou seja, a grandeza da personagem está na força das ações que realiza, conforme Reuter (2002) e Brémont (1973, apud Reuter) sugerem em seus estudos. Portanto, Zana é uma personagem que, tanto pela quantidade de vezes que seu nome aparece no texto, quanto pela qualidade das ações que pratica, pode ser considerada uma personagem cujo papel é centralizador.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema dos gêmeos, ao longo da história humana, desdobra-se em muitos aspectos, desde a astrologia até os muitos simbolismos de que é revestido. Ligados a ele, a própria questão do duplo é recorrente.

Um pouco por todo o mundo e, nomeadamente, na América, a ligação entre os gêmeos e as desordens meteorológicas é atestada de maneira positiva ou negativa: os gêmeos têm o poder de chamar o frio ou a chuva, ou, pelo contrário, de os dissipar. (LÉVI-STRAUSS, 1989, p. 289).

Dentro da tradição hebraica, e, portanto, ocidental na medida em que a Bíblia é uma fonte basilar recorrente, destacam-se Esaú e Jacó, fundando esse último o povo de Israel. De certa forma, Machado de Assis, em seu penúltimo romance **Esaú e Jacó**, retoma a tradição bíblica na construção de uma obra que recupera o mito em condições históricas importantes como o advento da República. Por último, Milton Hatoum vale-se dos dois textos anteriores na construção de **Dois irmãos**.

No entanto, a discussão centra-se muito nos pares de irmãos – gêmeos univitelinos ou fraternos – cabendo pouco espaço ao papel desempenhado pelos pais nessas disputas e relações. Em sociedades patriarcais, seria interessante examinar a interferência do pai, o que acaba recebendo pouco destaque. Isaac, no **Gênesis**, está apenas preocupado com sua sucessão e a conseqüente questão da primogenitura. Agostinho, em **Esaú e Jacó**, pouco se envolve nas apreensões da mulher com relação à “briga” no seu ventre; e, por fim, Halim, em **Dois irmãos**, percebe os filhos como usurpadores de seu espaço na relação matrimonial.

Durante a elaboração deste trabalho, além da grandeza da personagem da mãe, a postura do pai, Halim, também chamou minha atenção. Se olharmos para as ações e para o comportamento de Zana, percebe-se que ela encontrou bastante espaço para atuar, nas ausências do marido diante das decisões da esposa.

Ele perdeu espaço para os filhos na vida de Zana e não se conformou com a situação, especialmente pela intromissão do Caçula. Por outro lado, não assumiu efetivamente o papel de pai e de marido, no sentido de colocar um pouco de limites e, com isso, preservar o espaço matrimonial, já que era algo que ele tanto estimava. Conforme o autor, Halim “foi o que se poderia chamar de pai, só que um pai consciente de que os filhos tinham lhe roubado um bom pedaço de privacidade e prazer. Anos depois, iriam roubar-lhe a serenidade e o bom humor”. (HATOUM, 2006, p. 53).

Zana é uma personagem que ganhou minha admiração desde a primeira leitura. Percebi que ela merecia um olhar especial, porque o enredo gira em torno dela. Hatoum soube criá-la de modo que o leitor possa amá-la (meu caso) ou odiá-la pelas atitudes que demonstra, pelas manipulações que executa e pelo modo com que controla a vida das pessoas ao seu redor. Uma parte interessante da narrativa, que me ficou marcada na memória, foi a agressão de Omar ao pai morto, pois Zana, apesar de, por vezes, permissiva, não viu com bons olhos a atitude do filho. Penso que, talvez no momento de perda, ela tenha se dado conta de que alguns equívocos e exageros na criação, principalmente de Omar, tenham colaborado para a atitude que ele tomou.

Outro aspecto que pode contribuir para que Zana seja essa personagem central e desempenhe papel centralizador na obra é o fato de ser estrangeira de origem libanesa; órfã, primeiramente de mãe, depois de pai e viver longe de seus descendentes. Todas as perdas que sofrera podem ter despertado nela o desejo de manter os filhos por perto, a qualquer custo, podendo ser uma justificativa para o comportamento controlador dela. Conforme o autor, ao saber que Yaqub havia se casado em São Paulo, Zana cercou ainda mais o Omar, atraindo-o “para si como um imenso ímã atrai limalhas”, já que “para ela, um filho casado era um filho perdido ou sequestrado”. (HATOUM, 2006, p. 69). Isto é, Zana sentiu-se ameaçada e reforçou o controle sobre Omar, a quem ela dedicava mais atenção desde o nascimento, uma vez que ele ficou muito doente nos primeiros meses de vida.

Para perceber a importância da mãe nessas relações, uma pista importante pode ser dada pelo antropólogo Lévi-Strauss que, analisando mitos autóctones da América e de outros tantos lugares – como Brasil, Peru, EUA, Canadá, Nova Guiné e de outros povos originários – aponta para questões da concepção, da gestação e do parto. Ou seja, se os símbolos pouco destacam o papel da mãe, esses mitos permitem alguns apontamentos.

Diz ele que os partos “anormais”, ou seja, aqueles em que a criança nasce com os “pés para frente”, são por si só indicativos da característica de partos gemelares. Mais do que isso, a alimentação da gestante é permeada de restrições nos ritos desses povos, bem como nas nossas próprias crendices populares no que se refere aos famosos desejos de grávida que devem ser saciados, sob pena da criança nascer com traços daquele alimento negado à mãe. Lévi-Strauss (1989) aponta, por exemplo, que em uma tribo da Nova Guiné, comer carne de esquilo, animal que se esconde no

tronco das árvores, pode ser um problema: um feto que se esconde no útero da mãe e não deseja sair de lá.

No caso de gêmeos e de crianças marcadas pelo lábio leporino, a cisão e/ou o duplo são decorrentes da interdição ao consumo de carne, estendida não só às lebres, mas também a animais com cascos fendidos. É o que observa Lévi-Strauss (1983, p. 279).

É o que, no Brasil central, dizem os Bororo (Crocker, *n. d.*: II, 14-15) e, mais perto da área dos nossos mitos, os Twana, grupo salish de Puget Sound (Elmendorf, pp. 421-422). Os Twana proibem também a mulher grávida a carne de cervídeo, por os animais desta família terem os cascos fendidos.

Ou seja, indiretamente a mãe pode ser responsável pelo parto de gêmeos se comesse carne de animais interditos, equivalentes da duplicidade. Seria ela, portanto, responsável direta ou ainda indiretamente pelo nascimento de gêmeos.

Outro aspecto que marca essa questão pode ser também como a mãe se comporta, durante a gravidez, no sono. Seus movimentos podem determinar a divisão dos “fluidos”. Lévi-Strauss (1983, p. 279) aponta que,

Segundo os Havasupai, que vivem no Arizona [...], com o facto de a mãe grávida, deitada sobre um flanco, se ter virado bruscamente, dividindo assim em duas partes o “fluido” de que a sua matriz está cheia. [...] Tanto na América do Sul como na América do Norte, encontramos a crença de que “a mulher grávida deve evitar dormir deitada de costas; senão, os fluidos sexuais poderão dividir-se e formar gêmeos”.

Enfim esses aspectos curiosos podem revelar uma não isenção da mãe, ou uma fatalidade: a mãe torna-se responsável por gerar gêmeos. De certa forma, podemos inferir um papel de agente nessas matriarcas, até transformarem-se em Zana, cujo papel centralizador procuramos demonstrar.

Mais do que mitos, os próprios estudos sobre a personagem nos permitem relativizar o papel paciente da mãe, passando a agente do processo.

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ABL). **Machado de Assis**. Rio de Janeiro: ABL, [2019?] Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/machado-de-assis/textos-escolhidos>. Acesso em: 11 de nov. 2019.
- AGUIAR, Adenilton Tavares de. O mito do duplo nas obras Esaú e Jacó e Dois Irmãos. **Acta Científica**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 11-24, jan./abr. 2012. Disponível em: <https://revistas.unasp.edu.br/actacientifica/article/download/372/376.pdf>. Acesso em: 07 dez. 2018.
- ASSIS, Machado de. **Esaú e Jacó**. Porto Alegre: L&PM, 2018. (L&PM POCKET, v. 119).
- BÍBLIA CATÓLICA. Disponível em: <https://www.bibliacatolica.com.br/> Acesso em: 07 dez. 2018.
- BÍBLIA SAGRADA. 42 imp. Dez, 2000. São Paulo: ed. Paulus Gênese, p. 38-42.
- BORGES, Kárita Aparecida de Paula. **Dois Irmãos de Milton Hatoum**: um olhar que vem do norte. 2010. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/8268/1/2010_KaritaAparecidaPBorges.pdf Acesso em: 21 set. 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Machado de Assis**: vida e obra. Brasília, DF: MEC, [2019?]. Disponível em: <http://machado.mec.gov.br/#na-rede>. Acesso em: 11 de nov. 2019.
- BRAVO, Nicole Fernandez. Duplo. *In*: BRUNEL, Pierre (Org.). **Dicionário de Mitos Literários**. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília, DF: UnB, 1998, p. 261-287.
- CASTRO, Natália. Milton Hatoum, autor do romance ‘Dois irmãos’, debate adaptação para a TV. **O Globo**, Rio de Janeiro, 09 dez. 2016. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/milton-hatoum-autor-do-romance-dois-irmaos-debate-adaptacao-para-tv-20612610>. Acesso em: 14 nov. 2019.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). 10. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.
- CHIAPPINI, Lígia. Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.8, n. 15, p.153-159, 1995. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1989/1128>. Acesso em: 24 out. 2019.
- DOMINGUES, Joelza Ester. Machado de Assis e a proclamação da República. *In*: ENSINAR história. [S. l.], 2016. Disponível em: <https://ensinarhistoriajoelza.com.br/machado-de-assis-e-a-proclamacao-da-republica/>. Acesso em: 11 nov. 2019.

FINKLER, Gredes Rejane. O mito do duplo nos poemas de Ferreira Gullar. *In*: INDURSKY, Freda; CAMPOS, Maria do Carmo. **Discurso, memória, identidade**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000. p. 261-270.

FOKKELMAN, J. P. Gênesis. *In*: ROBERT Alter, KERMODE, Frank (Org.). **Guia Literário da Bíblia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997. (Prismas) p. 49-68.

FREITAS, Luana Ferreira de. O gênero na tradução do Gênesis. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v.2, n. 2, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbla/v2n2/07.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2019.

FRYE, Northrop. **O código dos códigos: a Bíblia e a literatura**. Trad. Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004.

GONZAGA, Pedro. Uma flor para dois gêmeos. *In*: ASSIS, Machado de. **Esaú e Jacó**. Porto Alegre: L&PM, 2018. p. 267-271.

HATOUM, Milton. **Dois Irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HIDAYCK, Wandersson. A Bíblia e a Literatura. *In*: RASCUNHO. [S. l., 2019?]. Disponível em: <http://rascunho.com.br/a-biblia-e-a-literatura/>. Acesso em: 09 nov. 2019.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O olhar distanciado**. Lisboa: Edições 70, 1983.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. 8.ed. Campinas: Papyrus, 1989.

LOBO, Aristides. Acontecimento único. **Diário Popular**, Rio de Janeiro, 18 nov. 1889. Cartas do Rio. Disponível em: <https://imagensehistoria.wordpress.com/tema-1-republica-velha/carta-de-aristides-lobo/> Acesso em: 20 set. 2019.

LOPES FILHO, Aloysio França. Olhar crítico sobre a obra “Esaú e Jacó” de Machado de Assis. **Alabastro**: revista eletrônica dos discentes da Escola de Sociologia e Política da FESPSP, São Paulo, ano 7, v. 1, n. 10, p. 122-135, 2018. Disponível em: <http://revistaalabastro.fespsp.org.br/index.php/alabastro/article/viewFile/217/116> Acesso em 10 nov. 2019.

LURKER, Manfred. **Dicionário de Simbologia**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. As faces do duplo na literatura. *In*: INDURSKY, Freda; CAMPOS, Maria do Carmo. **Discurso, memória, identidade**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000. p.111-123.

MENEZES, Denílson Costa. Resenha: Dois Irmãos, de Milton Hatoum. **Cadernos da FaEL**, Nova Iguaçu, v. 1, n.3, set./dez. 2008. Disponível em: <https://unig.br/wp-content/uploads/2018/06/RESENHA-Dois-irm%C3%A3os-de-Milton-Hatoum.pdf>. Acesso em: 04 dez. 2018.

PRÉ - CALOURO UEA. Aula 13 Literatura: Dois irmãos. [S. l.], 5 out. 2016. 1 vídeo (30min 04s). Publicado pelo canal Pré - Calouro UEA. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Mojl80SlesA>. Acesso em: 23 out. 2019.

RAHINOVICH, Elaine Pedreira. A Casa como Símbolo: A Relação Mãe-Criança. **Revista Brasileira Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, n. 7(1), p. 34-48, 1997. Disponível em: file:///C:/Users/marco_000/Downloads/38383-Texto%20do%20artigo-45339-1-10-20120815.pdf. Acesso em: 24 out. 2019.

REUTER, Yves. **A análise da narrativa**: o texto, a ficção e a narração. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002. p. 41-51.

SILVA, Marcus Vinicius Neto. Otto Rank: o duplo - um estudo psicanalítico. **Gerais**: Revista Interinstitucional de Psicologia, v. 8, n. 1, p. 156-160, jan.-jun. 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v8n1/v8n1a12.pdf> Acesso em: 24 out. 2019.

SMITH JÚNIOR, Francisco Pereira; CRUZ, Sheyla da Conceição Silva. Diálogos literários: Uma análise comparativa de Dois Irmãos, de Milton Hatoum e Esaú e Jacó de Machado de Assis. **A Palavrada**, Bragança-PA, n. 6, p. 47-56, jul./dez. 2014. Disponível em: https://revistaapalavrada.files.wordpress.com/2014/11/03_franciscopereirasmithjunior_sheyladaconceic3a7c3a3osilvacruz_artigo.pdf. Acesso em: 27 set. 2019.

WAJNBERG, Daisy. **O gosto da glosa**: Esaú e Jacó na tradição judaica. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004. 298p. *E-book*. Disponível em <https://books.google.com.br/books?id=GoJoxqSYwNIC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=true>. Acesso em: 11 nov. 2019.